A LIAHONA

FEVEREIRO DE 1988

PORTUGAL

A LIAHONA

Fevereiro de 1988 Volume 41 nº 2
PBMA8802PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Ronald L. Knighton

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Editor Assistente: Ann Laemmlen

Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: Este número apresenta os santos de Portugal (ver p. 27). Acima, da esquerda para a direita: Monumento às Descobertas, Rio Tejo, Lisboa; Carlos Manuel Carvalho Teixeira, Porto; Maria Filomena Teixeira da Silva, Lisboa. Abaixo, à esquerda: primeira capela SUD de Portugal, Portimão; uma "quinta", típica da região central de Portugal.

Contracapa: à partir da esquerda, cena de rua em Sintra, uma popular área turística; Torre de Belém, de onde muitos dos notórios navegadores portugueses partiram para suas viagens e descobertas; embaixo, a bandeira de Portugal. Ao fundo: Barcos no ancoradouro da Baía de Faro.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cz$ 265,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cz$ 25,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Capistrano de Abreu, 210 - Fone: 418-4071 - Jordanópolis - S.B.C. - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Published monthly by the Corporation of the President of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Stree, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America. Subscription information telephone number 801-531-2947.

POSTMASTER: Send form 3579 to *A Liahona* at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America.

ÍNDICE

2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: LARES CELESTIAIS — FAMÍLIAS ETERNAS
Presidente Thomas S. Monson

7 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: "A CARIDADE É SOFREDORA, É BENIGNA"

8 O QUE O LIVRO DE MÓRMON SIGNIFICA PARA NÓS
"Isto Eu Sei!" — Ardeth G. Kapp
"O Livro Transformou Minha Vida" — Joseph G. C. Jung

12 "SALVA MINHA VIDA... CONSOLA A MEUS FILHOS"
Mette Hansen

15 ENSINAR PERDÃO ÀS CRIANÇAS: GUIA PARA OS PAIS

18 PERGUNTAS E RESPOSTAS
Bo Wennerlund, In Sang Han, Júlio Dávila

21 QUAL É A VERDADEIRA GRANDEZA?
Presidente Howard W. Hunter

25 NÉFI E O ÊXODO: PESQUISAS E O LIVRO DE MÓRMON

27 OS SANTOS DE PORTUGAL
Don L. Searle

35 MULHERES SUD
Jan Underwood Pinborough

38 EU & VOCÊ: QUEM TEM PRIMAZIA NO CASAMENTO?
Steve F. Gilliland

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

42 O INDEFINÍVEL EQUILÍBRIO
Bispo Glenn L. Pace

47 A CONSTRUÇÃO DE UMA CASA AJUDOU NA EDIFICAÇÃO DE TESTEMUNHOS

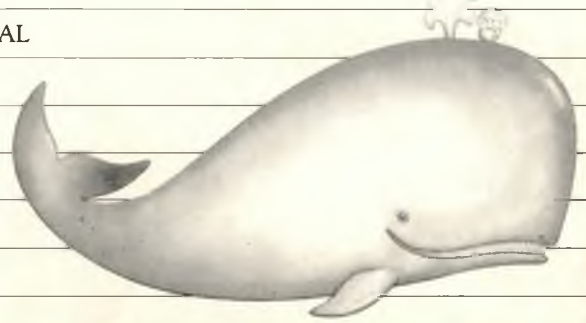
SEÇÃO INFANTIL

2 PARA DIVERTIR
Quem é este profeta? JennaVee Allgrunn
Jonas e a baleia, Jane K. Priewe

3 Animal formado por triângulos, Rich Latta
Quadrado escondido, Milt Hammer

4 TEMPO DE COMPARTILHAR: BÚSSOLA DE FÉ
Pat Graham

6 VAMOS MANTER UM DIÁRIO
Jeanne W. Pittman



LARES CELESTIAIS FAMÍLIAS ETERNAS

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Hinos e discursos lembram-nos com freqüência que a família é a base de uma vida reta, e nenhuma outra instituição pode substituí-la ou cumprir suas funções essenciais.

Uma casa é feita de madeira, pedras ou tijolos. A família é feita de amor, sacrifício e respeito. E a casa pode transformar-se em céu, quando abriga uma família. Há famílias grandes e pequenas, constituídas de pessoas jovens ou idosas. Elas podem estar em excelentes condições ou apresentar sinais de idade, negligência ou deterioração. Podem ser formadas pela mãe, pai, filhos e filhas, todos morando em casa, ou ser constituídas de uma só pessoa. Mas a família continua sempre, pois as famílias são eternas.

Aprendei do Arquiteto Mestre

Estejamos preparando-nos para formar nossa própria família, ou simplesmente considerando como trazer o céu para mais perto de nosso lar, todos nós podemos aprender com o Senhor. Ele é o arquiteto mestre. Ensinou-nos como devemos construir.

Quando Jesus caminhava pelas estradas poeirentas de cidades e vilas que agora reverentemente chamamos de Terra Santa, e ensinava seus discípulos na bela Galiléia, muitas vezes falava em parábolas, numa linguagem que o povo entendia. Referia-se freqüentemente à construção da casa, como: "Toda... casa, dividida contra si mesma não subsistirá." (Mateus 12:25.) Mais tarde advertiu: "Eis que a minha casa é uma casa de ordem... e não de confusão." (D&C 132:8.)

Numa revelação concedida através do Profeta Joseph Smith, em Kirtland, Ohio, em 27 de dezembro de 1832, o Mestre aconselha: "Organizai-vos; preparai todas as coisas necessárias; e estabelecei uma casa, mesmo uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de ensino, uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus." (D&C 88:119.)

Onde qualquer de nós poderia encontrar uma planta mais adequada para construir com mais sabedoria e propriedade? Uma casa assim seria o tipo de casa descrita por Mateus, uma casa construída "sobre a rocha", capaz de suportar as tormentas da adversidade,

as torrentes da oposição e os vendavais da dúvida, sempre presentes em nosso mundo desafiador. (Ver Mateus 7:24-25.)

Algumas pessoas poderão perguntar: "Mas essa revelação referia-se à construção de um templo. Aplica-se também à vida familiar?"

Eu responderia: "Não declarou o Apóstolo Paulo: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?"" (I Coríntios 3:16.)

Deixemos que o Senhor seja o Arquiteto Mestre da Família — e do lar — que nós edificamos. Assim, cada um de nós será o construtor. Gostaria de mencionar algumas diretrizes de Deus, lições de vida e pontos a ponderar ao começarmos a construir.

Ajoelhai-vos para Orar

"Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas." (Provérbios 3:5-6.) Assim falou o sábio Salomão, filho de Davi, rei de Israel.

No continente americano, Jacó, irmão de Néfi, declarou: "Olhai para Deus com mentes firmes e rogai a ele com ardente fé." (Jacó 3:1.)

Este conselho, divinamente inspirado, pode significar para nós, hoje, o mesmo que a água cristalina significa para a terra sedenta. Vivemos numa época tumultuada.

Aqueles que fazem a vontade do Senhor e servem ao próximo não têm tempo de sentirem pena de si mesmos.

Os consultórios médicos, em todo o mundo, estão repletos de indivíduos com problemas emocionais, além de distúrbios físicos. Os divórcios florescem, porque as pessoas não conseguem resolver seus problemas. Os departamentos de pessoal e assistentes sociais, nas indústrias modernas, trabalham longas horas para auxiliar pessoas em seus problemas.

Certo funcionário, encarregado de tratar de problemas menores, colocou um pequeno cartaz sobre sua mesa, para as pessoas que não conseguiam solucionar os seus. Nele estava escrito: "Você já experimentou orar?" Essa pessoa não pensou que estava fornecendo um conselho capaz de solucionar mais problemas, aliviar mais sofrimentos, evitar mais transgressões, e provocar mais paz e contentamento na alma humana, do que qualquer outra coisa.

Perguntaram a um famoso juiz dos Estados Unidos como nós, cidadãos dos países do mundo, poderíamos ajudar a reduzir o crime e desobediência à lei, proporcionando mais paz e alegria às pessoas e nações. Ele respondeu seriamente: "Eu sugeriria a volta ao antigo costume da oração familiar."

Não nos sentimos gratos pelo fato de a oração familiar não ser, entre nós, como povo, um costume ultrapassado? Não existe visão mais bela, em todo o

Ilustração de Scott Snow

A oração é capaz de solucionar mais problemas, aliviar mais sofrimentos, evitar mais transgressões, e provocar mais paz e contentamento na alma humana, do que qualquer outra coisa.

Precisamos estender esse mesmo convite amoroso às pessoas de nossa família que se desviaram dos caminhos da verdade.

mundo, do que uma família em oração. Há um significado muito real nas palavras: "A família que ora unida permanece unida."

O Senhor instruiu-nos a fazermos oração familiar, quando disse: "Rogai no seio de vossa família ao Pai, sempre em meu nome, a fim de que vossas esposas e filhos possam ser abençoados." (3 Néfi 18:21.)

Gostaria de que olhásseis comigo para uma típica família SUD, oferecendo preces ao Senhor. O pai, a mãe e todos os filhos se ajoelham, baixam a cabeça e fecham os olhos. Um doce espírito de amor, união e paz invade o lar. Quando um homem ouve a vozinha de seu filho orando a Deus, para que o pai faça as coisas certas e seja obediente aos mandamentos do Senhor, achais que lhe será difícil honrar a oração de seu precioso filho? Quando uma filha adolescente ouve sua doce mãe suplicar a Deus que ela seja inspirada na escolha de suas amizades, e que se prepare para casar-se no templo, não credes que essa filha procurará honrar a humilde súplica da mãe a quem tanto ama? Quando o pai, a mãe e cada um dos filhos oram fervorosamente para que os membros da família vivam dignamente, que os filhos possam, no devido tempo, receber o chamado de servir como embaixadores do Senhor nos campos missionários da Igreja, não começamos a ver como esses filhos chegam à adolescência com o desejo intenso de cumprir missão?

Quando oferecermos a Deus nossas orações familiares e pessoais, façamo-lo com fé e confiança. Se algum de nós não tem seguido fielmente o conselho de orar sempre, não existe melhor momento para começar do que agora. Aqueles que acham a oração um sinal de fraqueza, devem lembrar-se de que um homem nunca é maior do que quando está ajoelhado.

Servi Espontaneamente

Como exemplo de serviço, voltemo-nos à vida do Senhor. A vida de Jesus, quando ministrou aos homens, é como uma luz voltada para o bem. Ele deu força aos membros dos paralíticos, visão aos olhos dos cegos, audição aos surdos e vida aos mortos.

Suas parábolas pregam poder. Com o bom samaritano, ele ensinou: "Amarás o teu próximo." Por meio da bondade demonstrada à mulher apanhada em adultério, ele ensinou a

compreensão piedosa. Na parábola dos talentos, ensinou-nos o aprimoramento pessoal e a luta pela perfeição. Ele podia bem estar-nos preparando para a função de formar uma família eterna. Os que elevam, não se apóiam. Os que realizam, não duvidam. Os que servem, não reclamam.

Na vida de nosso profeta, o Presidente Ezra Taft Benson e em sua família, encontramos um exemplo de serviço espontâneo. O Presidente Benson contou às Autoridades Gerais como seu pai foi chamado a cumprir missão. Ele deixou para trás a esposa, que esperava outro filho, seus sete filhos, a fazenda, e tudo o que possuía. Perdeu alguma coisa? O Presidente Benson conta como sua mãe reunia a família ao redor da mesa da cozinha, e lá, à luz bruxuleante de uma lamparina, lia as cartas do marido. Durante a leitura, interrompia-se vez por outra para enxugar as lágrimas que fluíam livremente. O resultado? Mais tarde, todos os filhos cumpriram missão. Cada um deles serviu espontaneamente.

Auxiliar os que Se Desviam

Na jornada ao longo dos caminhos da vida, sempre acontecem acidentes. Alguns se afastam dos sinais da estrada, que indicam a rota da vida eterna, descobrindo depois que o desvio escolhido não leva a parte alguma. Indiferença, descuido, egoísmo e pecado, tudo isso afasta as pessoas da vida eterna. Em muitas famílias, encontramos indivíduos que, por razões inexplicáveis, se rebelam, descobrindo mais tarde que o resultado foi apenas dor e sofrimento.

Ao final do ano de 1985, a Primeira Presidência mostrou sua preocupação por aqueles que se haviam afastado do rebanho de Cristo, e publicou uma declaração especial, intitulada: "Convite para Voltar." A mensagem continha este apelo: "Aconselhamos os membros da Igreja a perdoarem aqueles que possam tê-los ofendido. Aos que deixaram de ser ativos e àqueles inclinados a criticar, dizemos: — Voltai. Voltai e banqueteai-vos na mesa do Senhor; tornai a provar dos doces e saciadores frutos da fraternidade dos santos. Acreditamos em que muitos anseiam por retornar, mas estão constrangidos em fazê-lo. Asseguramo-vos que sereis recebidos de braços abertos e mãos estendidas, dispostas a ajudar."

Precisamos estender esse mesmo convite amoroso às pessoas de nossa família que se desviaram dos caminhos da verdade. O amor é o elo de ligação, o bálsamo sanador. Jamais devemos deixar de amar, até mesmo os membros de nossa família que nos causaram sofrimento. O Senhor nos ordenou: "Juntos habitareis em amor." (D&C 42:45.)

Ajoelhai-vos para orar. Servi espontaneamente. Auxiliai os que se desviam. Cada um desses passos é uma página vital da planta de Deus para transformarmos uma casa em lar, e um lar em céu.

Construamos com perícia, evitemos os atalhos e sigamos sua planta. Então o Senhor, que é o inspetor de nossa construção, poderá dizer-nos, como disse a Salomão, um construtor de outros tempos: "Santifiquei a casa que edificaste, a fim de pôr ali o meu nome para sempre; e os meus olhos e o meu coração estarão ali todos os dias." (I Reis 9:3.) Assim teremos lares celestiais e famílias eternas. Oro humilde e sinceramente que cada um de nós receba essa bênção. □

Idéias para os Mestres Familiares

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. O Senhor forneceu um modelo para a edificação de uma família capaz de vencer a adversidade e dar alegria a seus membros.
2. A oração ajuda a resolver mais problemas, aliviar mais sofrimentos, evitar mais transgressões, e provocar mais paz e contentamento na alma humana, do que qualquer outra coisa.
3. O serviço prestado a outrem dá forças às pessoas atendidas e poder aos que servem amorosamente.

Auxílios para o Debate

1. Fale o que sente a respeito de se ajoelhar para orar, servir espontaneamente e auxiliar os que se desviaram. Peça aos membros da família que compartilhem seus sentimentos.
2. Há versículos de escritura ou citações, neste artigo, que a família poderia ler em voz alta e debater?

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

"A CARIDADE É SOFREDORA, É BENIGNA"

Objetivo:
Demonstrar caridade através da longanimidade e bondade para com os outros.

"A caridade é sofredora, é benigna." Longanimidade e benignidade são as primeiras características mencionadas pelo Apóstolo Paulo na sua clássica definição de caridade. Longanimidade é a capacidade de continuar dando amor, mesmo quando nos sentimos sós, magoadas ou frustradas.

Muitas situações requerem de nós esse tipo de paciência. Inúmeras mulheres, em todas as partes do mundo, cuidam pacientemente de maridos enfermos, ensinam e criam amorosamente os filhos, dia após dia, ou tomam conta, delicadamente, de pais idosos. Todas essas mulheres são exemplos de caridade, assim como aquelas que, perseverantemente, tratam seus familiares, amigos, vizinhos e companheiros de trabalho com bondade e respeito.

"A pessoa bondosa é compreensiva e gentil com os outros", disse o Presidente Ezra Taft Benson. "Ela tem consideração pelos sentimentos alheios e é educada em seu comportamento. Possui uma natureza solícita. A bondade perdoa as fraquezas e faltas alheias, (e) se estende a todos — aos idosos e aos jovens, aos animais, aos pouco favorecidos, assim como aos mais favorecidos." ("Características Divinas do Mestre", *A Liahona*, janeiro de 1987, p. 52.)

Todas nós temos inúmeras oportunidades, todos os dias, de sofrer com paciência e de realizar atos de bondade que farão uma diferença eterna em nossa própria vida e na vida dos que nos cercam. Mas, com muita freqüência, reservamos nossas demonstrações de bondade para os amigos, vizinhos e membros da Igreja, mostrando-nos impacientes com as pessoas de nossa própria casa. Deveríamos ostentar nosso melhor comportamento quando em companhia daqueles com quem convivemos diariamente.

O Salvador nos deu o exemplo perfeito de longanimidade e paciência. Foi bondoso com as criancinhas, e disse: "Deixai vir os meninos a mim, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus... E, tomando-os nos seus braços, e impondo-lhes as mãos, os abençoou." (Marcos 10:14, 16.)

Jesus confortava as pessoas tanto espiritual quanto fisicamente — as massas e o ser individual. Alimentou cinco mil pessoas, mas também sentiu o toque de uma pequenina mão na bainha de suas vestes, e curou a mulher de sua enfermidade. (Vide João 6:5-14 e Marcos 5:25-34.) Mesmo quando estava sendo torturado e crucificado, demonstrou bondade e preocupação com sua mãe: "Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe." (João 19:27.)

O efeito da bondade de Cristo e da longanimidade pelo toque sanador da Expiação, tem o poder de transformar nossa vida para sempre. E quando nós nos mostramos pacientes e tratamos os outros com bondade, estamos desenvolvendo a caridade, que é o puro amor de Cristo — tornando-nos mais semelhantes a ele. □

SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES

1. Conte uma experiência pessoal, mostrando como um pequeno ato de bondade modificou sua vida.
2. Leia D&C 121:41-42 e debata como as irmãs podem tirar mais proveito desse tipo de influência em sua vida.

(Vide *Livro de Recursos para a Noite Familiar*, pp. 74-79; 238; 244-245, para mais informações.)

"ISTO EU SEI!"

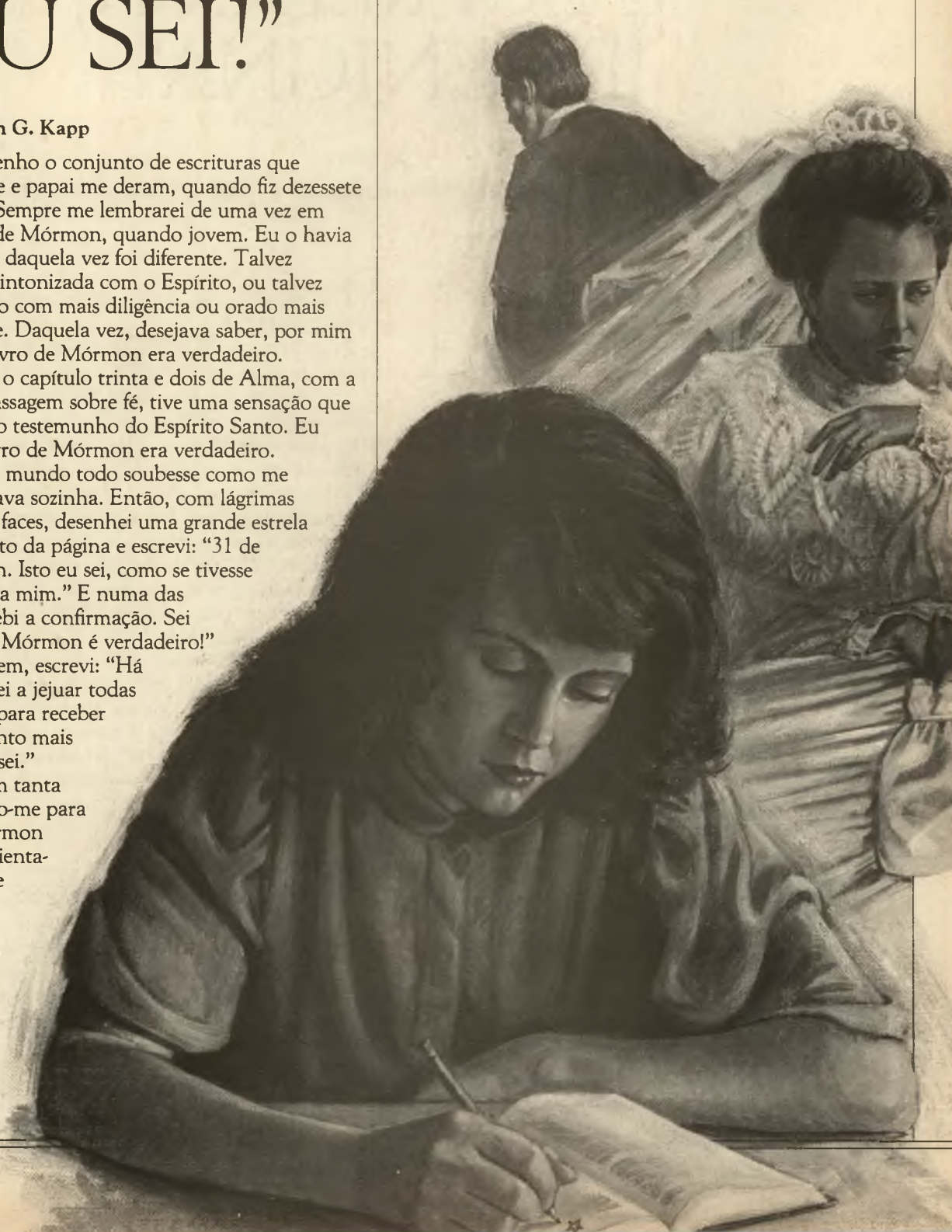
Ardeth G. Kapp

Ainda tenho o conjunto de escrituras que mamãe e papai me deram, quando fiz dezessete anos. Sempre me lembrarei de uma vez em que li o Livro de Mórmon, quando jovem. Eu o havia lido antes, mas daquela vez foi diferente. Talvez estivesse mais sintonizada com o Espírito, ou talvez tivesse estudado com mais diligência ou orado mais fervorosamente. Daquela vez, desejava saber, por mim mesma, se o Livro de Mórmon era verdadeiro.

Ao terminar o capítulo trinta e dois de Alma, com a maravilhosa passagem sobre fé, tive uma sensação que reconheci como testemunho do Espírito Santo. Eu sabia que o Livro de Mórmon era verdadeiro. Desejava que o mundo todo soubesse como me sentia, mas estava sozinha. Então, com lágrimas correndo pelas faces, desenhei uma grande estrela vermelha no alto da página e escrevi: "31 de maio, 7h30 min. Isto eu sei, como se tivesse sido escrito para mim." E numa das margens: "Recebi a confirmação. Sei que o Livro de Mórmon é verdadeiro!" Na outra margem, escrevi: "Há um mês comecei a jejuar todas as terças-feiras para receber um conhecimento mais seguro. Isto eu sei."

Desde aí, com tanta freqüência volto-me para o Livro de Mórmon em busca de orientação, incentivo e

Às vezes fico imaginando se esse meu grande amor ao livro poderia ter-me sido transmitido por minha bisavó, cujo testemunho era tão forte que quase sacrificou sua vida por ele.



maior fé, que às vezes fico imaginando se esse meu grande amor ao livro poderia ter-me sido transmitido por minha bisavó. O Livro de Mórmon foi levado à casa de Susan Kent, minha bisavó, quando estava com dezesseis anos, há quase um século e meio. Depois de estudá-lo, Susan recebeu um testemunho tão forte de sua veracidade, que estava disposta a fazer um grande sacrifício por ele.

O rapaz de quem Susan estava noiva, na época, não queria saber de ninguém que se juntasse aos mórmons. Mas Susan não levou em consideração o que aquilo lhe custaria. Escolheu a paz de sua consciência. Contudo, seu coração ficou tão magoado, que não conseguiu comer durante vários dias. Entrou num coma tão profundo, que parecia estar morta. Estavam preparando seu enterro, quando ela acordou, perguntando: "Quanto tempo dormi?" Aos poucos recobrou a saúde. Com a irmã e os pais, batizou-se na Igreja. Serei eternamente grata à minha bisavó, Susan Kent, por seu testemunho do Livro de Mórmon e o que ele significou em sua vida, e agora na minha.

Vários anos atrás, meu bispo pediu-me que ajudasse os jovens de nossa ala a ler o Livro de Mórmon num determinado período de tempo. Foi um ano glorioso, em que os jovens leram e relataram seus sentimentos. Esses jovens descobriram que o Livro de Mórmon podia ajudá-los a vencer o desânimo.

Ajudou-os a vencer a solidão. Ajudou-os a vencer a tendência à desobediência, ira e falta de fé.

Ao lermos o Livro de Mórmon, aprendemos a conhecer e amar nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Aprendemos a respeito da Expiação e como nosso Pai Celestial providenciou um meio, através de ordenanças e convênios, de nos qualificarmos para todas as suas bênçãos. Aprendemos a como nos arrepender, como perdoar, e como amar uns aos outros, como o Salvador nos ama.

Adquirimos o desejo de ser como nosso Salvador e de estar com ele algum dia. Compreendemos os propósitos desta vida e aprendemos a caminhar pela fé.

O Livro de Mórmon é a âncora da minha fé, e agradeço a Deus pelo livro e pelo meu testemunho, que é meu mais inestimável bem. Meu maior desejo é que todo membro da Igreja estude e ore sobre a veracidade do Livro de Mórmon e consiga um testemunho próprio desta grande dádiva de Deus. O Livro de Mórmon pode, então, tornar-se um conforto, ao galgarmos os caminhos íngremes e perigosos da vida. □

Irmã Ardeth G. Kapp é Presidente Geral das Moças.

Ilustração de Robert T. Barret

"O LIVRO TRANSFORMOU MINHA VIDA"

Joseph G. C. Jung

Eu tinha dezesseis anos, quando os missionários me desafiaram a ler o Livro de Mórmon. Quando o li, senti que era um bom livro. E então, quando os missionários pediram-me que me batizasse, assim o fiz. Filiei-me à Igreja não porque tivesse um forte testemunho, mas porque não sentira nada de mau ou inquietante, ao ler o Livro de Mórmon ou freqüentar a Igreja. Parece que aceitei o evangelho naturalmente.

Mas, algum tempo depois de ter sido batizado, comecei a pensar que talvez não devesse ter-me batizado numa igreja do "Oeste". Durante aquele tempo não tinha tido coragem de dizer a qualquer de meus amigos que eu era um santo dos últimos dias. Na verdade, encapei meu Livro de Mórmon com papel branco, para que ninguém soubesse que o estava lendo.

Finalmente, decidi descobrir por mim mesmo se o Livro de Mórmon era ou não verdadeiro. Quando estava lendo e orando certo dia, cheguei a esta passagem:

"E não há língua que possa falar, nem homem que possa escrever, nem podem os corações dos homens conceber tão grandes e maravilhosas coisas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer; e ninguém pode calcular a extraordinária alegria que encheu nossas almas na ocasião em que o vimos orar por nós ao Pai.

E aconteceu que, após terminar sua oração dirigida ao Pai, Jesus levantou-se; porém, tão grande era o júbilo da multidão, que se sentiram prostrados.

E sucedeu que Jesus lhes dirigiu a palavra, ordenando que se levantassem.

E levantaram-se da terra e ele lhes disse: Bem-aventurados sois, em virtude da vossa fé. Eis que agora é completa a minha alegria.

E depois de ter dito estas palavras, chorou..." (3 Néfi 17:17-21.)

Quando li essas passagens, comecei a chorar. Meu coração ficou repleto do grande amor que o Senhor tem a mim. E bradei em meu coração: "Ó, meu Senhor! Sei que tu vives. Sei que o Livro de Mórmon é verdadeiro."

Agora sabia que a Igreja era uma igreja universal. Alegremente tirei a capa branca de meu Livro de Mórmon.

Nessa época, recebi também a forte impressão de que deveria fazer uma missão de tempo integral. Depois de servir dois anos na Marinha, obtive a permissão de meus pais para sair em missão. Tive o privilégio de testificar sobre o Livro de Mórmon, do qual já tivera vergonha, e de proclamar o evangelho em minha própria língua. Minha missão ampliou a compreensão que tinha do evangelho e aprofundou meu testemunho da verdade restaurada.

Minha mulher e eu casamo-nos no templo. Começamos a ler juntos o Livro de Mórmon quando estávamos namorando. Agora temos três filhos. Sentimos que o Livro de Mórmon transformou completamente nossa vida, pois, como está escrito: "A prédica da palavra (faz) com que o povo (tenha) uma grande tendência para praticar o que (é) justo — sim, (produz) mais efeito sobre as almas do povo do que a espada ou qualquer outra coisa..." (Alma 31:5.) □

Irmão Joseph G. C. Jung é segundo conselheiro na presidência da Estaca Leste de Taipei (Taiwan). É também supervisor de tradução para a Igreja em Taipei.

Ao ler sobre a visita do Salvador aos nefitas, meu coração ficou repleto do grande amor que o Senhor tem a mim, e soube que o Livro de Mórmon é verdadeiro.

"SALVA MINHA VIDA... CONSOLA A MEUS FILHOS"

Mette Hansen

Era a hora do crepúsculo, num dia chuvoso e frio de outubro de 1968, em Copenhagen, Dinamarca. Eu estava voltando do trabalho para casa, de bicicleta. Meu marido encontrava-se no Canadá, a serviço e eu estava sozinha com meus dois filhos, um menino de dez anos e uma menina de sete.

A caminho de casa, eu precisava atravessar uma avenida de quatro pistas, muito movimentada, na qual havia uma pista especial para bicicletas. Por uma questão de segurança, eu me habituara a descer da bicicleta e atravessar o cruzamento a pé. Nesse dia, em particular, cheguei até a metade da avenida e parei para os carros passarem. Um pequeno carro se deteve na faixa à minha direita, e o motorista fez sinal para que eu atravessasse. Um enorme caminhão parou ao lado do pequeno carro e o motorista também fez sinal para que eu continuasse a atravessar a rua. Assim que ultrapassei o caminhão, vi um Volkswagen vindo em minha direção ilegalmente pela pista de bicicletas, a toda velocidade. Não havia tempo para eu escapar, fosse para a frente ou para trás.

Num segundo, inúmeros pensamentos a respeito de meus filhos, meu marido, minha mãe viúva e meu emprego, passaram-me rapidamente pela cabeça, e orei com mais fervor do que jamais orara: "Por favor, meu Pai, seja o que for que acontecer, poupa minha vida."

O carro bateu na bicicleta, fazendo o guidão atingir o lado esquerdo de meu corpo. Caída na rua, sem poder mover-me, mal conseguia respirar, tão grande era a dor. Mas não fiquei inconsciente. Quando virei a cabeça, vi a roda do Volkswagen a poucos centímetros de meus olhos. Olhei para minha bicicleta, atirada longe pela colisão, e estava reduzida à metade do seu tamanho original.

Eu tinha certeza de que fora protagonista de um milagre. A roda não poderia estar mais próxima, contudo não esmagara minha cabeça. Senti que uma mão invisível a detivera exatamente ali. Lágrimas rolaram-me pelo rosto, e agradeci ao Pai Celestial por me ter salvo a vida.

Fiquei deitada na rua, esperando a ambulância. O que pensariam as crianças, quando não fosse buscá-las? Haveria tempo de telefonar do pronto-socorro do hospital antes de a escola fechar? A quem poderia recorrer? Mal conhecia meus vizinhos, pois era muito ocupada, e os membros de minha ala moravam longe.

No pronto-socorro superlotado, não me deixaram usar o telefone antes de tirarem uma radiografia. As enfermeiras estavam ocupadas demais para telefonarem por mim. Levou quatro horas para os policiais chegarem e fazerem um relatório escrito do acidente.

Durante as cinco horas mais longas de minha vida, fiquei no

Ilustração de Paul Mann

hospital, sendo cuidada por uma porção de pessoas. Mesmo assim, sentia que só o Pai Celestial podia prestar-me o auxílio de que necessitava realmente. Pela primeira vez em minha vida, encontrei-me orando incessantemente a respeito de minha única preocupação: duas crianças pequenas e sozinhas.

"Por favor, dize-lhes que estou bem", orava. "Faze com que fiquem calmos, que não entrem em pânico, e dá-lhes paciência. Por favor, dize-lhes o que fazer." Senti a presença do Espírito Santo, e uma paz confortadora encheu minha mente, a mesma paz que rogara para meus filhos.

Finalmente, o médico me disse que, a não ser por minhas costelas doloridas, eu estava nova em folha, e me deixou ir embora. Os dois policiais se ofereceram para levar-me para casa, e chegamos ao meu apartamento às dez e pouco da noite.

Duas crianças, pequenas e cansadas, vieram de mãos dadas no escuro, até o carro da polícia.

— Mamãe, onde você esteve? O que aconteceu com você? Por que é tão tarde? Por que a polícia trouxe você para casa? — perguntaram, assim que se encontraram seguras no apartamento.

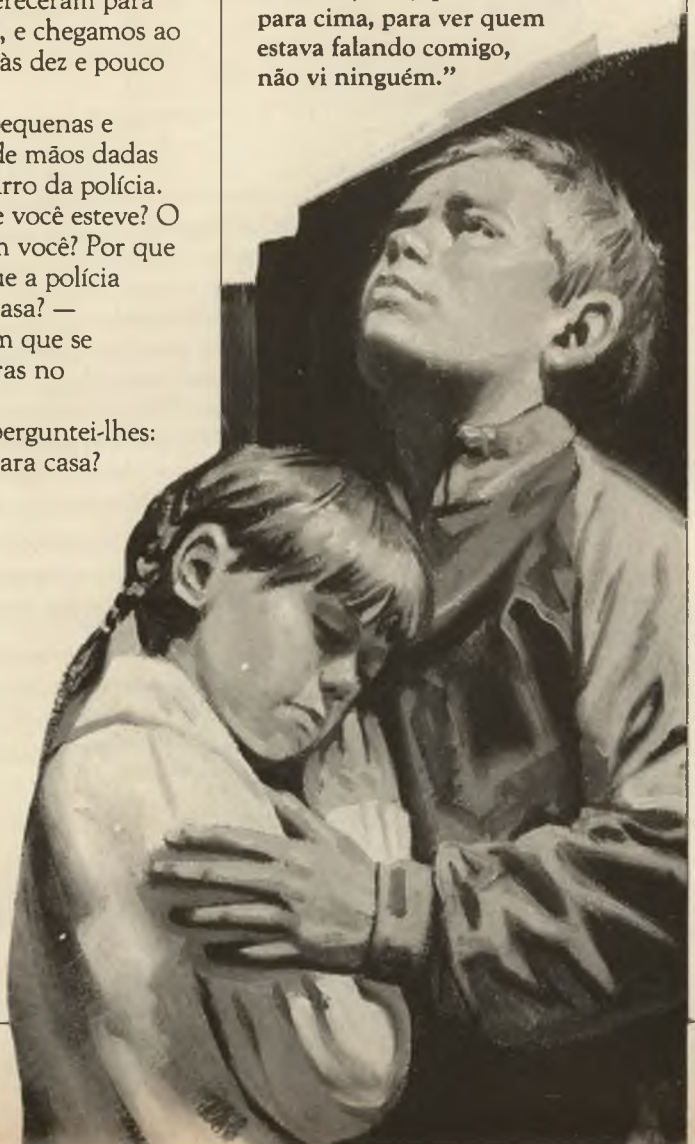
Eu expliquei, e perguntei-lhes: — Como vieram para casa?

Meu filho respondeu: — Nós não entendíamos por que você não nos vinha buscar, mas achamos que estava trabalhando até mais tarde e resolvemos vir a pé para casa. Começou a escurecer, mas nós não podíamos entrar, porque não tínhamos chave.

Eu não sabia o que fazer, mas de repente pensei que devíamos orar. Então nos ajoelhamos no tapete da porta e fizemos uma oração. Ficamos sentados sem dizer nada durante algum tempo após a oração, como você nos ensinou, e então aconteceu uma coisa muito boa.

Senti uma mão grande e quente sobre minha cabeça, e ouvi uma voz amigável dizendo: "Sua mãe está bem, está sendo cuidada. Vai demorar um pouco para ela chegar em casa e vai ficar escuro, mas fiquem calmos. Pegue sua irmãzinha pela mão, fique perto do apartamento e brinque com ela, sossegado. Assim, o tempo passará depressa e logo terão sua mãe de volta."

"Senti uma mão sobre minha cabeça e ouvi palavras de conforto; mas, quando olhei para cima, para ver quem estava falando comigo, não vi ninguém."



Quando olhei para cima para ver quem estava falando comigo, não vi ninguém, e não ouvi mais nada. Fiquei calmo.

No decorrer dos anos, tenho visto meu filho enfrentar lutas ocasionais, ao se tornar adulto. Às vezes é fácil duvidar que existe um Deus vivo, nos momentos difíceis.

Toda vez que ele enfrentava problemas, eu lhe perguntava: "Lembra-se do que lhe aconteceu na noite do acidente?"

As dúvidas e preocupações desapareciam de seu rosto e ele dizia: "Mamãe, é verdade, e jamais poderei negá-lo."

Sou grata por meu filho carregar consigo uma experiência dessa natureza. Também aprendi como é importante ensinarmos nossos filhos a orar e a lembrar-se das palavras do Salmo 94:9: "Aquele que fez o ouvido, não ouvirá? e o que formou o olho, não verá?" □

Mette Hansen é contadora e regente de música da Ala Trinta e Dois de Hunter, Estaca Hunter Salt Lake, Utah.

ENSINAR PERDÃO ÀS CRIANÇAS

GUIA PARA OS PAIS

Há muitos adultos que não compreendem a necessidade de perdoar as pessoas. Não é de admirar que, com freqüência, as crianças tenham dificuldade para entender esse conceito.

A menos que estendamos o perdão aos outros, nossa vida poderá ser envenenada pela ira e pela mágoa. Dores passadas tendem a magnificar-se quando acumuladas, e relacionamentos amistosos podem ser prejudicados, a ponto de não mais poderem ser consertados.

Em algumas famílias, irmãos e irmãs adultos não se falam há anos, devido a alguma ofensa sem importância que não foi perdoada.

Um marido ou mulher que não sabe perdoar, pode acumular e abrigar tanta amargura em relação ao cônjuge, que a família acaba separada pelo divórcio. Esta é uma tragédia que vemos com freqüência hoje em dia, e a verdadeira culpa geralmente se deve à incapacidade de perdoar.

O princípio do perdão deve ser ensinado às crianças desde bem pequenas. As lições que as crianças melhor aprendem são as ensinadas tanto pelo exemplo quanto por preceitos. Não *diga* simplesmente às crianças que perdoem quem as ofende, mas *mostre*-lhes como o perdão consegue manter a harmonia e o amor na família.

Você Não Pode Voltar no Tempo

Uma das melhores maneiras de ensinar perdão é praticá-lo. Converse com seu cônjuge, para que ambos procurem, honestamente, perdoar e esquecer erros passados. Olhem para o futuro, não para o passado. Uma vez feita determinada coisa, é impossível voltar no tempo e modificar seus atos, por mais que o deseje. Reviver velhas mágoas pode apenas prejudicar um relacionamento; isto não é jamais um passo positivo.

Antes de tentar ensinar a uma criança o princípio do perdão, os pais precisam primeiro responder honestamente a estas perguntas:

Você conversa abertamente com seus filhos?

Eles lhe falam daquilo que os preocupa?

Eles o procuram com seus problemas?

Eles lhe falam de suas atividades sociais, amigos, sentimentos e desejos?

Você os tem perdoado honestamente? Ou está sempre mencionando suas falhas passadas ou presentes?

A última pergunta é a chave. Se a mãe ou o pai não consegue perdoar e esquecer os erros de seus próprios filhos, é porque enfrenta um problema com o princípio do perdão. Até que isso seja resolvido, a comunicação entre pai e filho ou mãe e filho não será ideal, não estando a pessoa em questão plenamente preparada para ensinar o perdão a qualquer membro da família.

Inseguranças e Preocupações de uma Criança

Um pai ou mãe que sabe perdoar é a pessoa que mais provavelmente descobrirá as inseguranças e preocupações de um filho. A condenação severa desencoraja o filho de falar francamente sobre seus problemas, e pouco faz para desenvolver um relacionamento amoroso, dentro do qual é possível aprender.

Sempre que uma criança estiver amuada devido a alguma coisa que não lhe agradou, seja real ou imaginária, converse com ela particularmente e pergunte-lhe como se sente. Diga-lhe que raiva e mágoa machucam a pessoa ofendida mais do que machucam o ofensor. Sentindo raiva ou ficando aborrecida, a criança está realmente punindo a si mesma. Além disso, as brigas prejudicam a amizade, e somente o perdão, oferecido incondicionalmente por ambas as partes, pode sanar um relacionamento abalado.

Depois que a criança não estiver mais zangada e tiver feito as pazes com quem havia brigado, pergunte-lhe novamente como se sente. Ajude-a a entender que o

perdão faz bem às *duas* partes envolvidas.

Numa revelação dada através do Profeta Joseph Smith, o Senhor faz esta advertência: "Portanto, digo-vos, que deveis vos perdoar uns aos outros; pois aquele que não perdoa a seu irmão as suas ofensas, está em condenação diante do Senhor; pois nele permanece o pecado maior." (D&C 64:9.)

Ensinar por Parábolas Modernas

Embora a Bíblia, Doutrina e Convênios e o Livro de Mórmon forneçam muitos exemplos da importância do perdão, o princípio também pode ser ensinado proveitosamente por parábolas modernas.

Por exemplo, ler "Bolsos Cheios de Pedras", publicado em *A Liahona*, outubro de 1985, p. 31, é uma forma divertida de transmitir a mensagem a seus filhos.

A história trata de um homem chamado Malcolm Tent, que começou a colocar uma pedra no bolso toda vez que alguém o aborrecia ou o deixava zangado. A pedra servia para lembrá-lo do incidente, a fim de não se esquecer do ocorrido e continuar zangado com a pessoa responsável.

A coleção de pedras para não deixá-lo esquecer de suas zangas tornou-se tão grande, que ultrapassou os limites de seu bolso, espalhando-se por toda a casa. As pedras, símbolo de seus sentimentos negativos em relação a outras pessoas que não conseguia perdoar, passaram a dominar toda a sua vida.

Dizia o Presidente Spencer W. Kimball: "Quando ofendidos, perdoar significa eliminar por completo o fato da lembrança. Perdoar e esquecer é um conselho eterno." ("O Poder do Perdão", *A Liahona*, fevereiro de 1978, p. 66.)

É Importante Perdoarmos a Nós Mesmos

Também é importante perdoarmos a *nós mesmos* erros que tenhamos cometido, assim como aprendermos honestamente a aceitar o perdão alheio. Remoer erros passados pode afetar nosso comportamento, a ponto de nos tornarmos doentes, tanto física

Fotografia de Weldon Anderson

quanto mentalmente.

Em casos extremos, a auto-reprovação pode tornar-se uma carga tão insuportável, que pode levar ao suicídio. Só se não conseguirmos aprender a perdoar a nós mesmos pelo que fizemos de errado, uma vez que haja arrependimento, é que estaremos falhando *verdadeiramente*.

Perdoar a si mesmo é importante para uma vida feliz e saudável. Para muitas crianças e adolescentes, é vital. Os jovens freqüentemente têm dificuldade para colocar os atos passados na devida perspectiva. Podem achar que os passos que deram jamais poderão ser mudados, e que sua perspectiva de uma vida feliz foi arruinada para sempre. Se os pais conseguirem manter abertos os canais de comunicação, permanecendo acessíveis aos filhos — compreendendo seus problemas — poderão fazer muito para dissipar esses temores. O amor e a compreensão são os instrumentos que melhor funcionam.

Ensine o Processo do Arrependimento

Como ensinar os filhos a se perdoarem por faltas ou fracassos passados? O primeiro passo é ensinar-lhes o processo do arrependimento: confissão ao Senhor e, quando apropriado, à autoridade do sacerdócio; reparação, quando possível, às pessoas prejudicadas; rejeição dos hábitos ou influências que levaram ao pecado, em primeiro lugar. Diga-lhes que, quando sentirem arrependimento sincero no coração, poderão ser consolados pela promessa do Senhor: "Sim, e tantas vezes quantas o meu povo se arrepender, eu o perdoarei de seus pecados contra mim." (Mosiah 26:30.)

No capítulo 58, versículo 42, de Doutrina e Convênios, lemos:

"Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, deles não mais me lembro."

Este é o exemplo que se espera que os santos dos últimos dias sigam, e é a mensagem que tanto as crianças quanto os adultos precisam entender, a fim de serem felizes, saudáveis e produtivos. □

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

A desobrigação de um cargo na Igreja parece, às vezes, causar depressão, embaraço, mágoa e até mesmo raiva. Como posso enfrentar essa situação de maneira positiva?

Irmão Bo Wennerlund realiza selamentos no Templo de Estocolmo, Suécia, e é diretor de comunicações públicas em Vasterhaninge, Suécia.

Ser chamado para servir, seja no que for, traz bênçãos e dá um sentido mais profundo à nossa vida. Quando magnificamos nosso chamado, aprendemos a amar aqueles a quem servimos, as pessoas com quem trabalhamos e os que nos presidem. O chamado se transforma numa parte estimulante e feliz de nossa vida. Não é de admirar, portanto, que fiquemos tristes e talvez até frustrados, quando somos desobrigados! Na minha opinião, isso é natural. Na verdade, acho que, se não ficamos um pouco tristes, é porque não apreciamos suficientemente nosso chamado! Pessoalmente, nunca me senti feliz ao ser desobrigado de um cargo, simplesmente porque apreciei demais todos os chamados que recebi na vida.

Mas como podemos enfrentar esses sentimentos, sem deixar que se transformem num problema? Como podemos aceitar de forma digna e gentil a desobrigação de um chamado que nos traz grande alegria? Quando formos desobrigados, talvez seja bom nos ajoelharmos ou sentarmos, e ponderar:

1) Sei que fui chamado por Deus; portanto, compreendo que minha desobrigação também veio de Deus.

2) Foi um privilégio servir nesse chamado. Estou feliz pela pessoa que recebe agora o mesmo privilégio.

3) Não desejaria estar em nenhum lugar, exceto naquele em que o Senhor deseja que esteja.

4) Esta desobrigação me dará mais tempo para ser atencioso como marido ou esposa. Esforçar-me-ei para tornar meu cônjuge mais feliz do que nunca. Serei um ótimo avô. Serei um mestre familiar ou professora visitante mais devotado.

5) Estou pronto a aceitar qualquer chamado do Senhor e seus servos, no futuro, pois, enquanto estiver onde ele deseja que eu esteja, serei feliz.

Irmão In Sang Han Seul, Coréia.

Com freqüência, as pessoas que não têm um firme alicerce de experiência na Igreja, vêem a desobrigação como rebaixamento burocrático ou perda

de "status" social. Mas, com exceção de um número limitado de Autoridades Gerais, a maioria dos membros da Igreja em todo o mundo, está constantemente recebendo novos chamados e também "chamados de desobrigação". Sim, sinto que a desobrigação de uma responsabilidade na Igreja é realmente outro tipo de chamado.

Uma entrevista adequada na época da desobrigação, pode ajudar a pessoa a encarar a situação dessa forma. Na entrevista, o líder pode explicar que, na Igreja do Senhor, a desobrigação é realmente um chamado para servi-lo em outras áreas.

Um membro nunca deve ficar sabendo de sua desobrigação no momento em que recebe o voto de agradecimento da congregação e seu substituto, o apoio, na reunião sacramental. Nem deve o líder chamar a pessoa de lado, minutos antes da reunião sacramental, para informá-la de que vai ser desobrigada. Seguindo cuidadosamente as diretrizes simples do *Manual Geral de Instruções*, os líderes da Igreja podem evitar sentimentos negativos por ocasião das desobrigações.

Júlio Dávila, Representante Regional, Bogotá, Colômbia.

Nossa obediência e fé nos líderes é provada através de chamados e desobrigações. Lembro-me de uma ocasião em que fui tentado a pedir desobrigação de meu cargo como presidente de ramo. Quando estava a caminho da casa do presidente do distrito, parei no correio para apanhar minha correspondência. Entre outras coisas, estava o último exemplar de *A Liahona*. Ao folheá-la, meus olhos caíram sobre uma curta mensagem do Presidente David O. McKay, na qual ele comentava quanto os primeiros líderes e missionários da Igreja tiveram de sofrer pelo evangelho. Suas palavras tocaram meu coração, e percebi a tolice de minha decisão. Fui à entrevista com o presidente do distrito, mas não mencionei a razão original de minha ida. Ao invés disso, aproveitei a oportunidade para pedir-lhe conselhos a respeito de meu chamado.

Anos mais tarde, o irmão que fora presidente do distrito me perguntou: "Irmão Dávila, o que, realmente, você pretendia me dizer, quando foi à minha casa em Bogotá, muitos anos atrás?" Contei-lhe que fora pedir a desobrigação. Então, com um sorriso amoroso, ele disse: "Eu sabia o que você ia dizer. Desde o momento em que me telefonou, pedindo uma entrevista, até o momento em que chegou à minha casa, orei para que algo fizesse você mudar de idéia."

Essa experiência me ajudou a testificar que nossos líderes são inspirados e que devemos segui-los humildemente, aceitando de boa vontade os chamados e desobrigações que recebemos deles.

Às vezes, a pessoa fica ressentida por achar que não cumpriu muito bem sua obrigação, seja por não entender seus deveres, ou por negligência. Nesse caso, a desobrigação pode parecer uma punição. Quando um membro está tendo dificuldades com um chamado, os líderes podem incentivá-lo, ajudá-lo e, ocasionalmente, reprová-lo, demonstrando-lhe depois um amor ainda maior (veja Doutrina e Convênios 121:43).

A fim de evitarmos ressentimentos quando somos desobrigados, precisamos cultivar cuidadosamente nossas raízes espirituais. Quando estamos próximos do Senhor, compreendemos que qualquer chamado é um convite para participarmos com Jesus Cristo da obra de "proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem". (Moisés 1:39.) Também adquirimos a fé em que o líder que faz o chamado ou a desobrigação está agindo em nome do Senhor. □

"Grande parte dos heróis da atualidade são os valentões, os ricos e os charmosos, incluindo artistas de cinema. Mas sugiro que nos concentremos mais naquelas coisas da vida que nos serão de maior valor."

QUAL É A VERDADEIRA GRANDEZA?

Muitos santos dos últimos dias sentem-se felizes e estão aproveitando as oportunidades que a vida lhes oferece. Contudo, preocupo-me com alguns que se consideram infelizes por achar que não estão atingindo seus ideais. Preocupo-me particularmente com aqueles que têm vivido retamente, mas julgam que falharam por não terem alcançado o mesmo que outros no mundo ou na Igreja.

Todos nós desejamos atingir certa medida de grandeza nesta vida. E por que não deveríamos? Como alguém observou, existe dentro de cada um de nós um gigante que se debate em saudade das coisas celestiais. Mas a dificuldade surge quando sofremos a influência da definição mundana de grandeza.

Qual é a verdadeira grandeza? O que é que torna a pessoa grande?

Presidente Howard W. Hunter
Presidente em Exercício do Quorum dos Doze

Os Heróis do Mundo

Vivemos num mundo que adora sua própria espécie de grandeza e produz sua própria espécie de heróis. Uma pesquisa recente entre jovens de dezoito a vinte e quatro anos revelou que grande parte dos heróis da atualidade são os valentões, os ricos e os charmosos, incluindo artistas de cinema e outros. Os heróis do mundo são-nos mostrados constantemente na televisão e nas revistas. Quase todos os dias temos notícia de atletas que quebraram recordes, cientistas que inventaram coisas maravilhosas, médicos salvando vidas de formas novas. Vemos músicos, pintores, escultores e arquitetos maravilhosos. Vemos pessoas com dentes perfeitos e lindos semblantes, usando roupas da moda e fazendo tudo o que as pessoas "bem sucedidas" fazem.

Vivendo constantemente expostos à definição mundana de grandeza, é compreensível fazermos comparações entre o que somos e o que os outros são — ou parecem ser — e também entre o que temos e o que os outros possuem. Freqüentemente permitimos que comparações injustas e impróprias nos façam sentir inadequados, não realizados ou fracassados. Tais sentimentos podem levar-nos a pensar apenas nas falhas, ignorando aspectos de nossa vida que contêm elementos de verdadeira grandeza.

Em 1905, o Presidente Joseph F. Smith fez esta profunda declaração a respeito da verdadeira grandeza:

"As coisas que chamamos de extraordinárias, marcantes ou incomuns podem fazer história, mas não fazem a verdadeira vida.

Fotografia de Steve Bunderson

Afinal, fazer bem feitas as coisas que Deus ordenou a toda a humanidade que fizesse, é a verdadeira grandeza. Ser um pai ou mãe bem sucedido é muito mais importante do que ser um general ou estadista famoso." ("A Verdadeira Grandeza", *A Liahona*, julho de 1982, p. 30.)

Não Existe Grandeza Instantânea

Esta afirmação sugere uma pergunta: Quais são as coisas que Deus determinou como tarefa de toda a humanidade? Certamente incluem o que precisamos fazer para sermos bons pais e boas mães, bons filhos e boas filhas, bons alunos e bons vizinhos.

Pablo Casals, o grande violoncelista, passou a manhã do dia em que faleceu — aos noventa e cinco anos de idade — praticando escalas em seu violoncelo. Não existe grandeza instantânea. Tornar-se grande é um processo prolongado que envolve ocasionais reveses. Requer esforços consistentes nas pequenas coisas do dia-a-dia. Especificamente, são os milhares de pequenos atos e tarefas em que servimos e nos sacrificamos, que constituem o dar ou perder a vida pelo próximo e pelo Senhor. Isto inclui adquirir um conhecimento de nosso Pai Celestial e do evangelho. Significa também trazer outras pessoas para a fé e participação em seu reino. Essas coisas geralmente não recebem a atenção ou louvor do mundo.

O Profeta Joseph Smith foi o homem mais atarefado de todos, mas ele ainda tinha tempo para dar uma palavra de conforto a um menininho.

Joseph Smith — Um "Cristão de Todo Dia"

Joseph Smith não costuma ser lembrado como general, prefeito, arquiteto, editor ou candidato à presidência. Lembramo-nos dele como Profeta da Restauração, um homem com o compromisso de amar a Deus e promover sua obra. O Profeta Joseph era um cristão de todo dia: preocupava-se com as pequenas coisas, a tarefa diária de servir e cuidar dos outros.

Quando tinha treze anos de idade, Lyman O. Littlefield acompanhou o Acampamento de Sião que subiu o Rio Missouri. Mais tarde contou um incidente, que trata de um pequeno, porém significativo serviço na vida do Profeta:

"A jornada era extremamente difícil para todos nós, e o sofrimento físico, aliado ao conhecimento da perseguição sofrida por nossos irmãos, a quem íamos socorrer, fizeram-me um dia cair em profunda depressão. Quando o acampamento estava pronto para partir, sentei-me cansado e mal-humorado à beira da estrada. O Profeta era o homem mais ocupado do acampamento; entretanto, quando me viu, afastou-se dos outros deveres que o pressionavam, para dirigir uma palavra de conforto a uma criança. Colocando a mão sobre a minha cabeça, perguntou: "Não há lugar para você, meu filho? Se

"Tenho certeza de que há muitos grandes, despercebidos e esquecidos heróis entre nós, como a mãe que, hora após hora, dia após dia, cuida de um filho doente."

não houver, precisamos arranjar um." Este fato impressionou-me tanto, que o passar dos anos e as dificuldades posteriores não me fizeram esquecer." (Em George Q. Cannon, *Life of Joseph Smith, the Prophet*, Salt Lake City: Deseret Book Company, 1986, p. 344.)

Em outra ocasião, o xerife Thomas King, do Condado de Adams, junto com outras pessoas, foi enviado para prender o Profeta e entregá-lo aos emissários do Governador Boggs, do Missouri. O xerife King ficou muito doente, e o Profeta levou-o para sua casa em Nauvoo, cuidando dele como um pai, durante quatro dias. (Cannon, p. 372.) Pequenos, porém bondosos e significativos atos de serviço eram praticados constantemente pelo Profeta.

Escrevendo sobre a abertura da loja, em Nauvoo, o Élder George Q. Cannon registrou:

"O Profeta não hesitava em se ocupar ele mesmo de negócios comerciais e industriais; o evangelho por ele pregado era um evangelho de salvação temporal, além de exaltação espiritual; e ele estava disposto a realizar sua quota de trabalho prático. Fazia isso sem pensar em lucros pessoais." (Cannon, p. 385.)

E numa carta, o Profeta escreveu:

"A loja estava superlotada, e eu permaneci atrás do balcão o dia todo, distribuindo mercadorias sem parar, para atender àqueles que não podiam ter seu jantar de Natal e de Ano Novo, por falta de um pouco de açúcar, melado, passas etc.; e também para me gratificar, pois gosto de servir os santos e ser servo de todos, esperando ser exaltado, no devido tempo do Senhor." (Cannon, p. 386.)

Ter êxito como secretário do quorum dos élderes, como professora da Sociedade de Socorro, vizinho atencioso ou amigo disposto a ouvir, é parte do que constitui a verdadeira grandeza. Fazer o melhor possível em face das lutas comuns da vida, diante de malogros, e continuar perseverando, apesar das dificuldades cotidianas, a fim de contribuir para o progresso e felicidade alheia e para a própria salvação eterna, isto é a autêntica grandeza.

Heróis Despercebidos

Tenho certeza de que há muitos grandes, despercebidos e esquecidos heróis entre nós. Refiro-me àqueles, dentre vós, que, calada e consistentemente, fazem tudo o que lhes cabe fazer. Refiro-me aos que estão sempre presentes e sempre prontos. Falo da mãe que hora após hora, dia após dia, cuida de um filho doente. Incluo os que sempre se oferecem para doar sangue, ou para trabalhar com pessoas idosas. Penso naqueles, dentre vós, que fielmente cumprem suas responsabilidades do sacerdócio e da Igreja. Refiro-me às pessoas honestas, bondosas e trabalhadoras em sua faina cotidiana, mas que também são servos do Mestre e pastores de suas ovelhas.

Não quero dizer que menosprezo os grandes feitos do mundo, que nos têm proporcionado tantas oportunidades, provendo beleza, cultura e ordem em nossa vida. Estou apenas sugerindo que nos concentremos mais claramente nas coisas mais valiosas da vida. Foi o Salvador quem disse: "Porém o maior dentre vós será vosso servo." (Mateus 23:11.)

A Grandeza ao Alcance de Todos

Ao avaliar nossa vida, é importante que vejamos não só nossas realizações, mas também as condições em que foram conseguidas. Todos somos indivíduos únicos e diferentes, cada um com um ponto de partida diverso na vida; cada qual com uma mescla única de talentos e habilidades; cada um com seu próprio quinhão de desafios e restrições para enfrentar.

Mas parece-me que a espécie de grandeza que nosso Pai Celestial deseja que busquemos está ao alcance de todos os que se encontram dentro da rede do evangelho. São as tarefas mais comuns por nós realizadas, que causam o maior efeito positivo sobre a vida das pessoas, se as compararmos àquilo que o mundo freqüentemente chama de grandeza. Contamos com um número infinito de oportunidades de fazer as coisas simples e pequenas que acabarão por exercer maior efeito sobre os outros.

As pequenas coisas são significativas. Não nos lembramos da quantia oferecida pelo fariseu, mas do óbolo da viúva; não do poder e força do exército filisteu, mas da coragem e convicção de Davi.

A vós, que trabalhais arduamente na Igreja, promovendo a obra do Senhor de muitas maneiras despercebidas, porém importantes; a vós que sois o sal da terra, força do mundo e espinha dorsal de cada nação, queremos simplesmente externar nossa admiração. Se perseverardes até o fim e fordes valentes no testemunho de Jesus, alcançareis a verdadeira grandeza e vivereis na presença de nosso Pai Celeste.

Como disse o Presidente Joseph F. Smith: "Não procureis substituir uma vida verdadeira pela artificial." (Citado em "A Verdadeira Grandeza", *A Liahona*, julho de 1982, pp. 32-33.) Lembremo-nos de que fazer as coisas consideradas importantes e necessárias por Deus, ainda que o mundo as veja como comuns e insignificantes, acabará por conduzir-nos à verdadeira grandeza. □

"Partindo de Jerusalém", de Minerva Teichert. Cortesia da Coleção de Arte da Universidade Brigham Young.

PESQUISAS E O LIVRO DE MÓRMON

NÉFI E O ÊXODO

Os santos dos últimos dias acreditam que o Livro de Mórmon possui algumas características distintamente hebraicas, crença essa que muitos estudiosos que não são da Igreja ridicularizaram ou minimizaram. Contudo, um número cada vez maior de estudiosos está descobrindo paralelos notavelmente hebraicos no Livro de Mórmon, apoiando a afirmação da escritura de que possui fortes laços com os judeus e sua cultura. Recentemente, vários pesquisadores, George Tate, John W. Welch e Avraham Gileadi, observaram que um dos mais importantes de todos os temas hebraicos, o ciclo de êxodo, permeia 1 Néfi.

O próprio Néfi era um israelita, nascido de pais judeus e criado em Jerusalém. Ele nos conta que foi instruído no conhecimento de seu pai, e que aplicou a sabedoria dos judeus ao escrever seu registro. (1 Néfi 1:1-2.) Com tais antecedentes, Néfi conhecia as partes vitais da história e literatura hebraica.

Néfi tinha acesso ao relato do Êxodo, encontrado nas placas de latão, que continham os cinco primeiros livros de Moisés e um relato da libertação de Israel do

Egito. (1 Néfi 5:11, 15.) Entretanto, mesmo antes de a família de Léhi obter as placas de latão que, indubitavelmente, ajudaram os estudos de Néfi, ele conhecia a história do Êxodo. (Veja 1 Néfi 4:1-3.)

A familiaridade de Néfi com a história do Êxodo segue paralela à sua aparente familiaridade com o ciclo de êxodo como forma literária. O ciclo de êxodo é o padrão de escravidão e libertação divina, usado freqüentemente na Bíblia e em outros escritos judaicos.

Visto que o ciclo de êxodo mostra como os eventos se amoldam ao padrão de libertação, a ordem desses eventos é relativamente sem importância. Assim, o registro de Néfi nem sempre segue a seqüência que Moisés usou em seus escritos, mas emprega numerosos temas do Êxodo, alguns dos quais se encontram na lista apresentada mais adiante. (A lista é apenas uma amostra; está incompleta e não representa uma tentativa de ordenar os paralelos conforme sua importância.) Os casos de semelhança são muitos, e o resultado é o mesmo: depois de chegar à terra da promissão, o povo sabe que o Senhor é Deus e que os livrou da destruição.

Uma característica final do ciclo de êxodo é que seu término marca o início de uma nova era. Passado certo número de ciclos de êxodo localizados, a era terminará no profetizado êxodo final da Babilônia, isto é, o abandono do mundo iníquo.

O testemunho final do êxodo dos últimos dias é o mesmo testemunho do êxodo do Egito e do êxodo de Jerusalém: "...toda carne saberá que eu, o Senhor, sou teu Salvador, teu Redentor, o Poderoso de Jacó." (1 Néfi 21:26; Isaías 49:26.)

O uso que faz Néfi do ciclo de êxodo mostra que ele utilizava livremente os métodos literários hebreus. 1 Néfi está repleto de subestruturas hebraicas, formas de falas proféticas hebraicas, expressividade hebraica e temas literários hebraicos. É realmente um registro que "consiste na sabedoria dos judeus". (1 Néfi 1:2.) □

PARALELOS ENTRE 1 NÉFI E ÊXODO

1 Néfi	Êxodo	Temas Comuns a Ambos os Relatos
1:6; 16:16	13:21	Orientação do Senhor
1:20	1:11-16	Presença de opressão
2:2	3:7-18	Ordem do Senhor para partir
2:6-7	3:18; 15:22; 20:25	Sacrifício ao Senhor após três dias de viagem
2:11-12; 5:2; 16:20	15:24; 16:2-3	Reclamações contra o Senhor
2:15; 3:9; 10:16	18:7; 33:8	Habitar em tendas
2:20	3:17	Promessa de uma nova terra de herança
4:12	17:8-13	Vitória sobre inimigos
7:6-7	14:12	Desejo rebelde de retornar
9:1-4	17:14	Registro da viagem
11:1-14:27	19:19-31:18	Instruções de um ser celestial numa alta montanha
15:6-16:5	19:3-25	Profeta que ensina o povo depois de receber instruções divinas
16:10	7:9-21; 8:16; 14:16	Milagroso objeto material (vara e liahona)
17:3-5	16:11-18	O Senhor provê alimento
17:4	16:35; Deut. 8:2	Perambulação prolongada pelo deserto
17:6	16:3; 17:1	Aflições no deserto
17:26; 18:8-23	14:21-22, 29; 15:19	Atravessar o mar
17:55	14:31; 20:12	Reconhecimento do poder do Senhor
18:7	18:3-4	Dois filhos nascidos no deserto
18:8	14:21	Vento providencial do Senhor
18:9	32:18-19	Folguedos iníquos
18:20	32:10	Ameaças de morte do Senhor
18:23-25	Josué 11:23	Herança de uma terra prometida
19:11	20:18	Raios e trovões

Na terra de Fernão Magalhães e Vasco da Gama, milhares de conversos estão explorando novas dimensões da vida espiritual.

OS SANTOS DE PORTUGAL

Don L. Searle

Jovem arquiteto português, Alcino Silva, estava trabalhando em seu escritório, numa tarde de dezembro de 1976, quando ouviu no noticiário do rádio que um grupo de missionários americanos acabava de chegar à cidade do Porto, uma das principais cidades do norte de Portugal. Quando dois deles bateram à porta naquela noite, surpreendeu-se de que houvessem encontrado sua família tão rapidamente.

Desde o início, ele e sua esposa, Nazaré, foram muito receptivos ao evangelho. Começaram imediatamente a viver os ensinamentos transmitidos pelos missionários SUD, inclusive a lei do dízimo. Nazaré, criada no catolicismo, jamais "sonhara que pudesse haver outra igreja". Mas sentiu que tudo o que os missionários ensinavam concordava com o que ela já acreditava. "Quando disseram que a família podia ser eterna — não apenas para esta vida — foi a coisa mais linda que eu poderia imaginar", disse.

Então veio o convite para se batizarem, mas Alcino recusou-se, pois achava que não estavam prontos para esse tipo de compromisso.

A esposa ficou um pouco perturbada com a decisão dele, uma vez que já orara a respeito dos ensinamentos dos missionários, e recebera um testemunho de sua veracidade. Ela não sabia, naquele momento, a luta interior que o próprio Alcino estava enfrentando. Quando os missionários saíram do apartamento naquela noite de segunda-feira, ele sentia-se dilacerado por desejos conflitantes: "Chama-os de volta... Não... Sim, chama-os de volta... Não."

Os missionários deveriam voltar na sexta-feira. Mas, no meio da semana, sentiram que deviam visitar a família Silva novamente. "Bem", disse-lhes Alcino, "uma vez que estão aqui, talvez possam marcar uma data para nosso batismo".

Batizados em fevereiro de 1977, juntaram-se a um punhado de santos dos últimos dias no Porto. Tanto Alcino quanto Nazaré ocuparam diversas posições de liderança, enquanto a Igreja crescia em sua área. Ele agora é o presidente da Estaca Porto Portugal, a segunda em seu país.

Oração de Dedicação

Talvez a família Silva seja o tipo de membros que o Élder Thomas S. Monson, do Conselho dos Doze, visualizou ao dedicar Portugal para a obra missionária, em 22 de abril de 1975. Numa colina varrida pelo vento nos arredores de Lisboa, cercado por alguns missionários e membros portugueses recém-batizados, ele orou, implorando bênçãos para "os membros que se reuniram aqui esta manhã. Num sentido muito real, cada um é um pioneiro... mostrando a outras pessoas o caminho a seguir. Permite, Pai Celestial, que o número de nossos membros aumente."

Naquele dia, não estavam muito longe do Cabo da Roca, ponto extremo-oeste da Europa, onde o Atlântico azul-esverdeado se derrama por sobre os penedos de um negro profundo espalhados pela orla marítima, formando desenhos semelhantes às rendas portuguesas. Em sua oração dedicatória, o Élder Monson disse: "Reconhecemos, Pai, que desta terra saíram navegadores e marinheiros num passado distante, e que o povo português possui um espírito aventuroso, pois confiaram em ti, ao procurarem terras desconhecidas. Permite que eles confiem em ti ao buscarem agora as verdades que os conduzirão à vida eterna."

A oração oferecida pelo Presidente Monson, agora segundo conselheiro na Primeira Presidência, está sendo plenamente cumprida pelo crescimento acelerado da Igreja em Portugal.

Os primeiros missionários SUD chegaram em fins de 1974, depois que o governo português concedeu a devida permissão. Em julho de 1975, havia apenas cem santos dos últimos dias portugueses. Em 1978, a Igreja tinha mais de mil membros em Portugal. Em meados de 1984, havia cerca de cinco mil, e desde aí, o número de membros cresceu mais do dobro. Calcula-se que, ao final de 1987, havia mais de onze mil santos dos últimos dias em Portugal. A Missão Portugal Lisboa foi dividida no ano passado, e a nova Missão Portugal Porto, cobrindo a parte norte do país, começou a funcionar em julho.

Um Povo Preparado

A época para a chegada do evangelho foi perfeita, comenta Vítor Martins, presidente da Estaca Lisboa Portugal. Muitos portugueses, sem dúvida alguma preparados pelo Senhor, estavam prontos para receber o evangelho, explica. O Presidente Martins estava entre esses primeiros conversos.

Os portugueses, diz ele, são muito humildes, e muitos ouvem os missionários com a mente aberta. Seus compatriotas são também "generosos e dispostos a ajudar as pessoas". Isto faz com que muitos deles

Fotografia de Don L. Searle

sejam firmes servidores. O Presidente Martins cita diversos exemplos em sua própria estaca, incluindo os Irmãos Antonio e Mae Leme.

O casal Leme também estava entre os santos pioneiros de Portugal. Nascidos no Brasil, mudaram-se para a Europa em 1965, quando Antonio, que é piloto, foi contratado pela companhia aérea portuguesa. Mae Leme tentava ajudar o filho a obter o mais alto grau no Escotismo, quando conheceu Geraldine Bangerter, que auxiliava um grupo de escoteiros. Mae logo soube que Irmã Bangerter era esposa de William Grant Bangerter, presidente da missão, em Portugal, de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. (O Elder Bangerter foi chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta em abril de 1975, enquanto servia como presidente de missão.)

Mae expressou um interesse cortês pela Igreja, e a Irmã Bangerter imediatamente lhe enviou os missionários. A família Leme pesquisou a Igreja cuidadosamente durante sete meses. A Igreja tinha em Portugal apenas um punhado de membros, que se reuniam numa sala de hotel em Lisboa, quando eles foram batizados.

Antonio Leme é agora bispo da Ala de Oeiras, criada em um subúrbio de Lisboa, no início deste ano. "Creio, realmente, que, quando alguém é chamado para fazer alguma coisa, Deus fornece-lhe os meios", reflete ele. Depois de ter atingido a idade de aposentadoria compulsória como aviador, ficou tão ocupado com os chamados da Igreja, que nem se sente aposentado. Mas, acrescenta, é um privilégio servir. "Nunca me canso de dedicar meu tempo à Igreja."

Novas Capelas

Uma das dificuldades que os membros enfrentam em Portugal, comenta o Bispo Leme, é que se refere ao transporte para as reuniões. Muita pouca gente possui carro, e os transportes públicos são dispendiosos. Fazer visitas de mestre familiar e professoras visitantes torna-se difícil para alguns membros, e as capelas ficam longe demais para muitos membros poderem ir a pé às reuniões.

O Bispo Manuel João Correia Teles, da Ala Quatro de Lisboa, colocando a ponta do dedo no centro do mapa de sua ala, diz: "Se eu pudesse ter uma capela aqui, a freqüência dobraria." No início de 1987, Lisboa, uma cidade com aproximadamente um milhão de pessoas, possuía duas capelas igualmente distantes para a maioria dos membros das suas quatro alas.

Como a maioria das capelas no país, foram originariamente construídas para outros propósitos e reformadas para servirem de capela.

"A Igreja cresce rapidamente e, às vezes, é preciso correr para encontrar um local para alugar", diz José A. Teixeira, gerente regional de finanças e registros da Igreja em Lisboa. Várias capelas SUD estão sendo construídas em Portugal, diz ele, e outras foram programadas para o início deste ano.

O Irmão Teixeira, missionário em Portugal nos anos de 1980-1982, observa que a Igreja ainda é comparativamente pequena no país, mas uma capela pode representar um símbolo de estabilidade para os pesquisadores. "Quando alguém vê uma igreja funcionando numa capela própria, vê uma igreja permanente", diz ele.

As construções, contudo, parecem muito menos importantes para o crescimento da Igreja do que a força de membros como Brizida Inocêncio, do Ramo Faro, Distrito de Algarve. Convertida através da amizade do filho com um membro da Igreja, a Irmã Inocêncio aproveita todas as oportunidades para compartilhar o evangelho. Uma confusão telefônica, por exemplo, colocou Brizida em contato com outra senhora que tem o mesmo nome que ela, nome um tanto incomum. A Irmã Inocêncio fez amizade com a senhora e estão indo juntas

1. O Monumento às Descobertas, Rio Tejo, Lisboa, foi erguido em homenagem aos navegadores portugueses que traçaram as rotas marítimas para a África e o Novo Mundo. A direita, na parte da frente do monumento, está o Príncipe Henrique, o Navegador (1394-1460), que deu grande incentivo às explorações marítimas de seu povo. 2. "O Atlântico, com suas espumas brancas, como delicada renda portuguesa", inscrição do farol, no Cabo da Roca. 3. O Presidente Alcino Ferreira da Silva, da Estaca Porto, e sua esposa, Maria Nazaré Oliveira Martins Silva, estão entre os primeiros portugueses que receberam a visita dos missionários. 4. Símbolo do crescimento da Igreja em Portugal, esta capela em Portimão foi a primeira a ser construída no país. Depois dela, muitas outras foram erguidas. 5. Antonio Leme, bispo da Ala Oeiras, Lisboa, e sua esposa Mae. Vindos do Brasil, o Bispo e a Irmã Leme estão entre os membros pioneiros da Igreja em Portugal.

"O POVO PORTUGUÊS POSSUI UM ESPÍRITO AVENTUROSO, POIS CONFIARAM EM TI, AO PROCURAREM TERRAS DESCONHECIDAS. PERMITE QUE ELES CONFIEM EM TI AO BUSCAREM AGORA AS VERDADES QUE OS CONDUZIRÃO À VIDA ETERNA." (PRESIDENTE THOMAS S. MONSON)

à Igreja. "Ela não se batizou — ainda", diz a Irmã Inocêncio, sorrindo.

Brizida Inocêncio é apenas um dos membros que contribuem para que haja no Distrito de Algarve um espírito de amor e união. O Algarve, região do extremo sul do país, poderia ser usado em cartões postais, mostrando "Portugal ensolarado". Frutas cítricas, em fase de maturação, dão, em fevereiro, pinceladas coloridas aos bosques escuros que circundam as vilas particulares e de férias. As praias e embarcadouros de Faro, Portimão, Albufeira e Lagos, enchem-se de turistas de diferentes países no verão. Um pouco para o interior, ovelhas pastam entre sobreiros *, tendo como pano de fundo, uma cidadezinha caiada de branco no topo de uma colina.

Em Portimão, foi construída a primeira capela SUD de Portugal. A cidade também conta com membros pioneiros, como a família de Filomena Simão. A Irmã Simão era adolescente quando a família entrou em contato com o evangelho. "Pude sentir o Espírito fortemente" quando os missionários estavam em sua casa, diz ela. Aceitou prontamente o princípio da revelação moderna, porque sabia que um Pai Celestial amoroso daria a verdade a seus filhos em todas as épocas.

Encontrou alguma oposição por parte de amigos, depois de batizada, mas conservou muitas amizades, continuando a amar as pessoas, aceitassem ou não o evangelho. Mais tarde, uma missão de tempo integral na Inglaterra forneceu-lhe muitas experiências espirituais que ainda atuam em sua vida.

Desafios para os Jovens

Pode ser difícil ser um jovem SUD na Europa, diz Carla Duarte Figueiredo, de dezoito anos, residente em Oeiras. Carla nasceu na Rodésia (hoje Zimbabwe), mas passou cerca de um terço de sua vida em Portugal. Ela também morou seis anos na Espanha, quando a mãe foi trabalhar lá. (Seus pais são divorciados.) Jovem expansiva de cabelos ruivos e sorriso fácil, Carla fala inglês, castelhano e português.

"É preciso ser forte, *muito* forte, para ser membro da Igreja", diz. Os jovens não apenas enfrentam as tentações comuns na sua idade, como álcool, drogas e imoralidade, mas também indiferença — e às vezes antagonismo — em relação a seus padrões espirituais. "Eu sei que devo seguir a Palavra de Sabedoria, porque é para o meu bem", Carla explica. Mas quando amigos e conhecidos perguntam-lhe o motivo e ela tenta explicar, "eles tapam os ouvidos".

Carlos Teixeira, de quinze anos, residente no Porto, diz que as atividades podem atrair e formar um bom grupo de jovens SUD dedicados e prover oportunidade de envolver amigos não-membros. A dança e o teatro são populares, além das atividades esportivas. Um torneio de pingue-pongue, num sábado chuvoso, por exemplo, atrai um grupo pequeno mas entusiasmado de participantes e expectadores à sede da estaca. (O edifício, uma casa grande adaptada, é bem utilizado. Numa outra parte, realiza-se um serviço batismal, e numa sala do andar superior, algumas irmãs reúnem-se para planejar uma atividade da Sociedade de Socorro.) Os membros da Igreja, no Porto, "esforçam-se para trazer seus irmãos e irmãs para a verdade", afirma Carlos.

Cerca de quarenta por cento dos missionários que servem em Portugal são portugueses ou brasileiros, e os jovens de todo o país respondem bem ao desafio da obra missionária, o que exige sacrifícios. O serviço militar é obrigatório e pode encurtar uma missão. As universidades não olham com simpatia interrupções nos estudos devido a serviço religioso, e a readmissão pode ser difícil.

Apesar dos sacrifícios, diz José A. Teixeira (não é parente de Carlos), "foi a melhor decisão que tomei, a de ir para a missão. Foi então que estabeleci meu alicerce na Igreja." Foi um alicerce de liderança. Ele agora serve como primeiro conselheiro na presidência da Estaca Lisboa Portugal. Em todo o país, a Igreja é igualmente sustentada pela força de outros ex-missionários.

A Estaca de Setúbal, com cerca de mil e oitocentos membros, geralmente tem cerca de vinte jovens cumprindo missão. Setúbal é uma cidade portuária, a mais ou menos quarenta e cinco minutos de Lisboa, na direção sul. As alas da estaca são muito espalhadas, mas "a obra missionária vai indo bem lá. Os membros ajudam muito", diz o presidente da estaca, Otávio da Silva Melo. Em 1986, foram realizados trezentos e oitenta batismos na estaca, aproximadamente vinte por cento do total em Portugal.

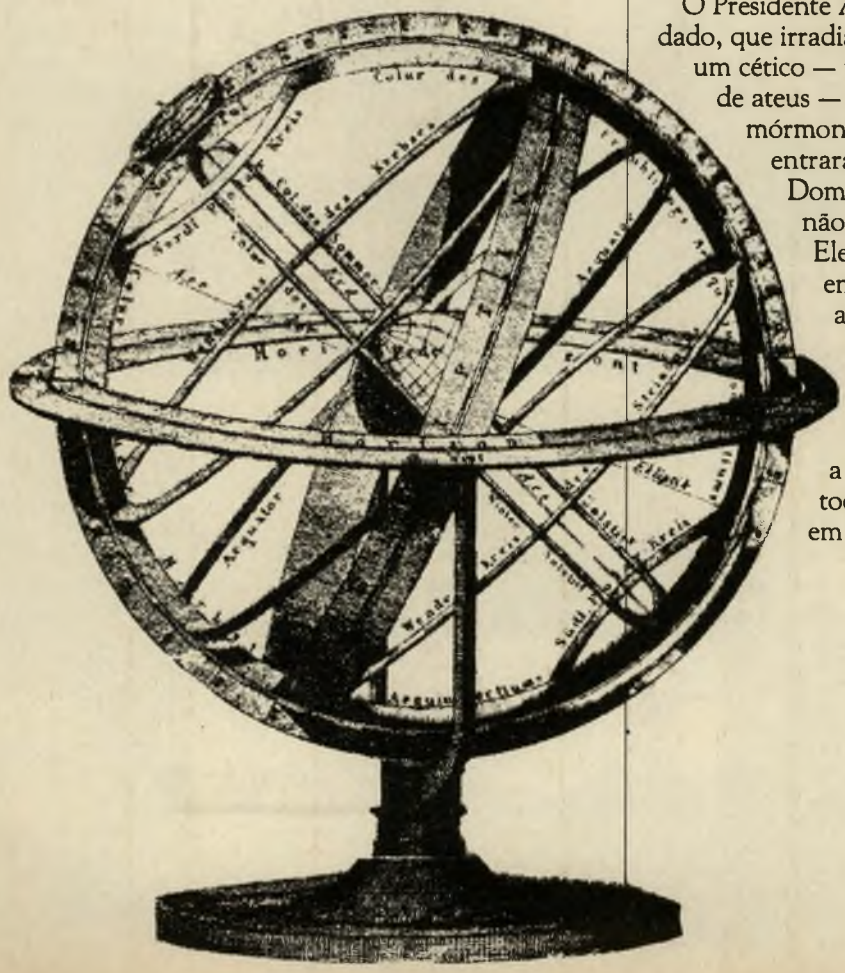
"A Igreja vai crescer em Portugal. As pessoas são boas, e só o que falta a muitas delas, é ouvir e aceitar o evangelho, abrir o coração e ser tocadas", acrescenta o Presidente Melo.

* Sobreiro: árvore da família das fagáceas, natural da região do Mediterrâneo, de cujo tronco se extrai a cortiça, N. do T.

Esse mesmo espírito missionário é sentido em Coimbra, cerca de três horas de Lisboa, ao norte. Uma cidade cujas raízes remontam aos tempos do império romano, Coimbra, uma cidade em expansão, sobe pelas encostas das colinas, em todas as direções. As ruas mais antigas, curvas, atravessam o coração da cidade, ora estreitando-se em vielas, ora abrindo-se em amplas praças e avenidas. Os edifícios ascendem como escadarias, do Rio Mondego. Os portugueses dizem que as pessoas vão a Coimbra para estudar; uma de suas universidades data de 1290. A cidade está impregnada da religião tradicional, mas também possui quatro ramos SUD e cerca de quatrocentos e cincoenta membros.

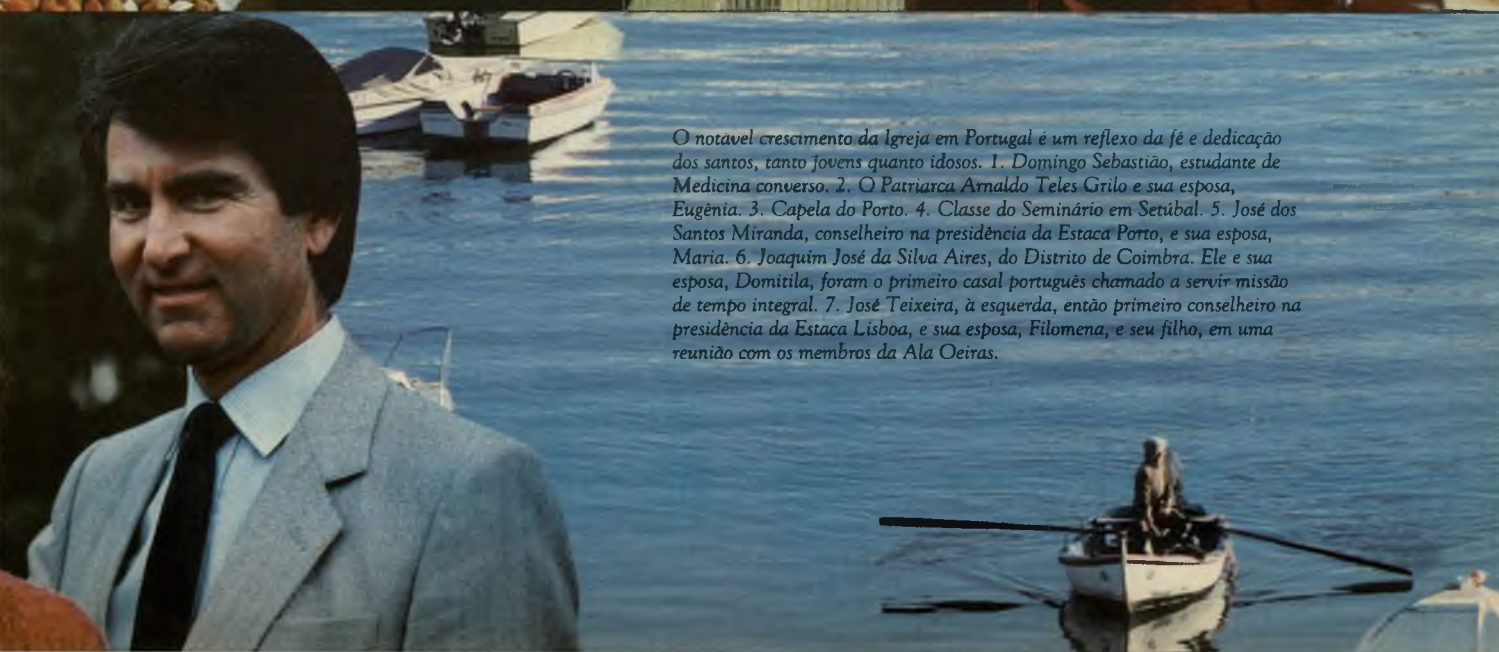
"Sempre gosto de ajudar os missionários. Outras pessoas precisam conhecer o evangelho. Elas precisam ser felizes", diz Irene Marques, uma cigana de pequena estatura e muito dinamismo, que vende roupas no mercado. Entre os anéis de prata em seus dedos, encontra-se um anel CTR, de criança, que lhe foi presenteado por um dos missionários que auxiliou. Impossibilitada de filiar-se à Igreja por vários anos, devido à oposição de sua família, sempre apresentou muitas pessoas aos missionários e ao evangelho. Esse mesmo entusiasmo pela obra missionária ela continua a demonstrar após ter sido batizada, três anos atrás, por um velho amigo, Joaquim José da Silva Aires, presidente do Distrito de Coimbra.

O Presidente Aires é um homem muito amigável e dado, que irradia amor genuíno pelo povo. Mas era um cético — um ateu, pertencente a uma família de ateus — quando conheceu os missionários mórmons. Inicialmente, os missionários entraram em contato com a mulher dele, Domitila, que os avisou de que o marido não concordaria em ouvir sua mensagem. Eles então fizeram três visitas sem falar em religião, travando amizade com ele, até que ele perguntou o que desejavam. Como esperavam, disse-lhes que não estava interessado, mas deu-lhes permissão para ensinar sua esposa. Durante a terceira palestra, contudo, a mensagem do evangelho começou a tocá-lo também. Os dois foram batizados em julho de 1977.



PORT

UGAL



O notável crescimento da Igreja em Portugal é um reflexo da fé e dedicação dos santos, tanto jovens quanto idosos. 1. Domingo Sebastião, estudante de Medicina converso. 2. O Patriarca Arnaldo Teles Grilo e sua esposa, Eugênia. 3. Capela do Porto. 4. Classe do Seminário em Setúbal. 5. José dos Santos Miranda, conselheiro na presidência da Estaca Porto, e sua esposa, Maria. 6. Joaquim José da Silva Aires, do Distrito de Coimbra. Ele e sua esposa, Domitila, foram o primeiro casal português chamado a servir missão de tempo integral. 7. José Teixeira, à esquerda, então primeiro conselheiro na presidência da Estaca Lisboa, e sua esposa, Filomena, e seu filho, em uma reunião com os membros da Ala Oeiras.

O Primeiro Casal de Missionários Portugueses

O Irmão e Irmã Aires, foram o primeiro casal português chamado para servir como missionários, em 1984. Sua maturidade e fluência na língua deu-lhes vantagem sobre os missionários mais jovens. Valeu-lhes, também, o conhecimento da sociedade e cultura portuguesas, especialmente ao lidar com pessoas casadas.

O casal Aires mora num bom apartamento de andar térreo, em um dos muitos edifícios modernos que surgiram em Coimbra. (A maioria dos portugueses urbanos mora em apartamentos assim; poucos têm condições para comprar ou alugar uma casa.) Atrás do edifício, o espaço na garagem a eles reservado é usado como depósito, e também abriga os pássaros tropicais que criam.

O casal morou durante vinte anos em Moçambique, uma das ex-colônias portuguesas na África. Tal como as famílias Cabral, de Faro; Simão, de Portimão; e o Presidente Melo, de Setúbal, eles também estavam entre as centenas de milhares de *retornados* — portugueses ou descendentes de portugueses — que vieram da África para Portugal, quando as colônias se tornaram independentes, em meados da década de 1970.

Muita gente que vivia nessas antigas ex-colônias, foi batizada na Igreja. Os membros dizem que talvez seja porque os *retornados* têm a mente mais aberta a idéias novas. Eles também se tornaram mais humildes devido à mudança de seu modo de vida e perda da maioria de seus bens materiais, quando deixaram a África.

"Perdemos tudo o que tínhamos", recorda Arnaldo Teles Grilo, patriarca da Estaca Lisboa Portugal. "E foi bom."

Como banqueiro, em Angola, possuíra quatro casas e vários carros. Agora, ele e a esposa, Eugênia, moram em um pequeno apartamento, num subúrbio de Lisboa; possuem algumas peças de arte, trazidas da África, e, num canto, uma pequena parte da bela biblioteca que tinham lá. "A vida foi muito difícil quando voltamos da África, porque perdemos tanto", conta o Irmão Teles Grilo. Mas, explica, sua situação os obrigou a considerar a importância maior das bênçãos eternas, quando os missionários lhes pregaram o evangelho.

"Qual É o Sacrifício?"

O casal Teles Grilo foi batizado em 1977 e selado posteriormente no Templo da Suíça. O custo e as dificuldades da viagem impedem que alguns portugueses dignos vão à Suíça para participar das ordenanças sagradas no templo. São aproximadamente dois mil e quinhentos quilômetros, e a viagem de ônibus leva dois dias e uma noite.

"Mas, ao final da viagem, quando vemos o templo", diz o Irmão Teles Grilo, recordando seus sentimentos, "achamos que não é sacrifício, e a longa viagem parece insignificante." Mais de duzentos e cinqüenta membros portugueses participaram da excursão ao templo, no ano passado.

Para alguns, o templo é uma meta simplesmente obrigatória. Adriano e Ana Maria Barros, da Ala Um do Porto, casaram-se lá, em 1985. Durante o noivado, guardaram todo dinheiro que podiam, com o fim de economizar para a viagem. Ela perdeu o emprego um mês antes do casamento, e parecia que não teriam o suficiente para a viagem ao templo e para o início da vida matrimonial. Pensaram em adiar o casamento, pois não estavam dispostos a aceitar apenas a cerimônia civil. Mas, exercendo sua fé, foram ao templo, e, embora a vida não seja fácil financeiramente, têm sido abençoados com tudo o que necessitam.

Os membros jovens são influenciados pelo grande valor que os adultos dão ao templo. Vários rapazes e moças da Estaca do Porto vêm guardando dinheiro para uma viagem ao templo, com o fim de realizarem batismos vicários. Como o casal Barros, muitos dizem que não aceitarão menos que um casamento eterno.

Em muitas partes do país, a influência do evangelho é notória, ainda que em pequenas coisas. O Bispo Leme, da Ala Oeiras, Estaca Lisboa, diz: "Sinto uma diferença em Portugal. A Igreja ainda é muito pequena. Mas o Senhor está fazendo algo por este povo."

Muitos portugueses, batizados na Igreja, são gratos pela recente confirmação de que o crescimento suplicado pelo Presidente Monson, em sua oração dedicatória há doze anos, continuará. Durante a organização da Estaca Porto Portugal, a 2 de novembro de 1986, o Élder Russell M. Nelson, do Conselho dos Doze, declarou aos membros que haverá muitas missões em Portugal, e que um dia o país estará coberto de estacas.

Antes desse dia, disse o Irmão Teles Grilo, os santos dos últimos dias, em Portugal, provavelmente enfrentarão oposição, uma vez que o adversário procura deter a propagação do evangelho.

"Mas eu creio", afirma, "que a Igreja cobrirá todo o país, como foi predito por nossos líderes". Da mesma forma que o Irmão Teles Grilo, milhares de portugueses SUD aguardam o cumprimento desse destino. □

LUBIAN SEQUI

Jan Underwood Pinborough Editor Associado

Grande parte do trabalho da mulher, no mundo, é feito de modo silencioso. Embalar um bebê doente, durante toda a noite. Medir as xícaras de arroz necessárias para alimentar a família naquele dia. Encontrar palavras de consolo para ajudar uma amiga. Servir o espírito e o corpo é uma tarefa humilde.

Não é de admirar que tantas mulheres que servem dessa forma sejam especialmente receptivas à mensagem do Mestre, que ensinou: "Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos." (Marcos 9:35.) Quando essas mulheres encontram o evangelho, rejubilam-se, ampliando sua capacidade de abençoar.

Oito anos atrás, o Presidente Spencer W. Kimball destacou o papel que essas mulheres estão desempenhando nesta dispensação final: "Grande parte do crescimento da Igreja nos últimos dias se dará porque muitas mulheres de bem (que muitas vezes têm tamanho senso interior de espiritualidade) serão atraídas em grande número para a Igreja... Essas verdadeiras heroínas são autenticamente humildes, dando mais valor à integridade que à fama." ("O Papel das Mulheres Justas", *A Liahona*, março de 1980, p. 155.)

Quem são algumas dessas boas mulheres — humildes, espirituais e cheias de integridade — que estão-se filiando à Igreja em grande número, e fortalecendo-a? São mulheres de todo o mundo, que ouvem a voz do Senhor e procuram servi-lo de todo o coração. Nos próximos meses, *A Liahona* apresentará algumas delas.

Lubian Sequi: Espalhando Luz na República Dominicana

As vinte e cinco crianças que estão aprendendo a ler e escrever no quintal de Lubian Sequi são pobres, pobres demais para poderem comprar sapatos ou uniformes, ou mesmo material escolar.

Casados em 1972, Félix e Lubian Sequi filiaram-se à Igreja em 1980.

Fotografia de Lisa A. Johnson

Algumas não têm nem cama em casa, dormindo em caixas de papelão.

A Irmã Sequi é uma mulher pequena e encantadora, com um sorriso que aquece o coração das pessoas. No quadro-negro, ela escreveu: *Deus Me Ama.* Além de ensinar seus alunos a ler e escrever, matemática, estudos sociais, ciências e etiqueta, a Irmã Sequi inicia a aula diária com uma oração e uma lição sobre a Bíblia. Ela também incentiva as crianças a orarem com seus familiares. A Irmã Sequi fornece lápis, caderno e giz às crianças que não podem comprá-los. Usa muitos auxílios visuais para facilitar o aprendizado dos alunos.

A Irmã Sequi encontrou a maioria de seus alunos nas ruas de Santo Domingo. "Sempre que vejo uma criança suja, descalça ou abandonada, digo-lhe: "Venha aqui. Não tenha medo. Onde você mora?" Depois vai até a casa da criança pedir aos pais permissão para que a criança freqüente sua escolinha caseira.

Uma vez por mês, ela convida os pais para uma reunião à noite, para mostrar-lhes como seus filhos estão progredindo. Também faz uma palestra para ajudar os pais espiritual e moralmente. "Nossa intenção é ensinar os pais, de modo que possam ensinar melhor os filhos", diz ela. Embora o objetivo principal da Irmã Sequi não seja converter as pessoas ao evangelho, pelo menos a família de um aluno já foi batizada na Igreja depois que ele começou a freqüentar sua escola.

A Irmã Sequi é professora formada e deu aula em escolas públicas durante vinte e quatro anos. Foi também enfermeira e assistente social. "A despeito de minhas imperfeições, sempre me senti muito atraída pelas pessoas, especialmente os pobres", diz ela. Quando era católica, às vezes ia para o campo, montada num burrico, levando roupas aos necessitados e pregando o evangelho.

Ilustração de Lori Anderson

Sua experiência como enfermeira também a influenciou muito. "Aprendi a amar nos hospitais, porque lá se encontra muito amor e dor. Toda vez que precisava cuidar de um paciente, perguntava a mim mesma: — Se ele fosse Jesus, como cuidaria dele? Com esta idéia em mente, aprendi a amar profundamente os doentes, sem medo, náusea ou tristeza, mas procurando ver em cada pessoa a imagem do Senhor."

Em 1961, Lubian Sequi fundou uma escola vocacional para ensinar às moças coisas que as ajudarão a viver melhor. Ela ainda administra essa escola, onde mais de trezentas alunas aprendem a costurar, fazer doces, tecer e outras artes manuais. A escola é sustentada por uma taxa nominal, que varia de acordo com a possibilidade financeira da aluna.

A Irmã Sequi e o marido, Félix, casaram-se em 1972 e foram batizados em 1980. Descobriram a Igreja numa feira de bem-estar realizada pelas missionárias. "Primeiramente senti-me atraída pela Igreja devido à sua preocupação em ajudar as famílias e também sua filosofia de que o evangelho deve ser levado a todos", lembra ela. Desde aí vem servindo como presidente da Sociedade de Socorro. Seu marido é o diretor do Sistema Educacional da Igreja na República Dominicana. O casal Sequi tem três filhos: um rapaz de quinze, uma menina de doze e outra filha que morreu. A filha de doze anos está sempre com a mãe, ajudando-a em seu trabalho.

Atualmente, Lubian Sequi está organizando um serviço de distribuição de roupas. Ela espera conseguir que as irmãs da Igreja se reúnam uma tarde por semana para fazer roupas com fazendas doadas por uma instituição local. As roupas poderão ser distribuídas aos pobres, membros e não-membros. Está também procurando uma casa onde crianças portadoras de deficiências graves possam morar e receber cuidados.

A Irmã Sequi explica que sua meta na terra é trabalhar incansavelmente, primeiro por sua família, e depois pelos outros. Ela compara seu trabalho à construção de uma casa, e diz: "Minha meta não é construir uma casa nesta vida, porque nada aqui é permanente. Desejo edificar nossa casa no céu, porque viveremos lá eternamente." Sente uma necessidade constante de arrependimento. De outra forma, acha que todo seu trabalho será inútil. E sente que é o trabalho que fortalece sua fé e esperança no Senhor.

Para Jeffrey Montero, de seis anos, e seus jovens colegas, a bela senhora que os ensina a ler é uma pessoa muito importante, realmente. Afinal, sem ela, talvez jamais conseguissem as ferramentas de que necessitam para construir uma vida melhor. Mas a Irmã Sequi sente-se insignificante. "O Senhor usa seus filhos para fazer bem às pessoas", conclui ela com simplicidade. □

EU

Muitas vezes me perguntaram: "Se o egoísmo é uma das principais causas dos problemas conjugais, devo sempre colocar as necessidades de meu cônjuge em primeiro lugar, ou minhas necessidades às vezes têm primazia sobre as dele?"

Na verdade, há uma larga faixa de escolhas à disposição de marido e mulher, ao procurarem equilibrar suas necessidades pessoais e as de seu companheiro. "Cuidar de minhas necessidades sem consideração pelos outros" é apenas um extremo da balança;

&

QUEM TEM
NO CASA

Steve F

& VOCÊ

"cuidar das necessidades alheias sem consideração pelas necessidades próprias" é o outro extremo. Como conselheiro matrimonial, vejo sérios problemas espirituais e sociais em ambos os extremos.

Quem gosta de estar perto de

PRIMAZIA
MENTO?

Gilliland

Ilustração de Perry L. Van Schaik e Kay Stevenson

uma pessoa que se preocupa apenas consigo mesma, que sempre tem que estar certa, que sempre tem de fazer o que quer, todo o tempo, e nunca leva os outros em consideração? Uma pessoa assim conversa com você, mas não o ouve, insiste em "servi-lo" quer você o deseje ou não, dá mil conselhos mas não está disposta a prestar o auxílio necessário.

No outro extremo estão aqueles tão preocupados em serem altruístas, que se extenuam tentando agradar a todos. Constantemente deixam de lado suas necessidades e desejos no interesse da família, chamados da Igreja, vizinhos e amigos. Mas chega uma hora em que até as pessoas mais fortes precisam receber força dos outros.

Do que a Outra Pessoa Necessita?

Uma pergunta importante no serviço a outros, é: "Do que a outra pessoa precisa?" e não "O que eu lhe quero dar?" Por exemplo, embora eu considere uma caixa de bombons um presente especial, minha mulher pode vê-la como algo que atrapalhará seu regime. Uma mulher aprecia a ajuda do marido nas tarefas domésticas, outra pode considerá-la uma interferência em assuntos que só a ela competem.

Como posso saber o de que meu companheiro/a realmente precisa? Quando observamos disposições ou sentimentos negativos, devemos perguntar: "Você parece aborrecido/a (ou irritado/a, ancioso/a). Podemos conversar sobre isso?" Depois, procure ouvir sem dar conselhos ou fazer críticas. Nosso propósito é *compreender*. Uma forma de fazê-lo é repetir, com nossas próprias palavras, o que ouvimos, para podermos entender os sentimentos e preocupações de nosso companheiro/a.

Cuidado! É mais fácil parecer preocupado do que *estar* preocupado. No meu caso, muitas vezes tenho preocupações próprias, quando minha mulher sente necessidade de conversar. Ou estou cansado, ou talvez eu mesmo precise de alguém para me ouvir. Em qualquer dessas circunstâncias, tenho que combater a tentação de ouvir somente pela metade. Talvez até precise perder meu programa predileto de televisão. As oportunidades de prestarmos serviço altruísta raramente são convenientes, mas podem ser a cola que conserva unido o casal.

As Pessoas Precisam de Alguém que as Ouça

Houve ocasiões, no passado, em que as lágrimas de minha mulher me deixavam pouco à vontade, e eu reagia, dizendo: "Não chore. A coisa não é assim tão feia." Essa reação a meus próprios sentimentos de frustração (e não à dor que ela sentia) era o mesmo que dizer-lhe que não devia sentir o que estava sentindo. Sem querer, eu não a estava ajudando a comunicar-se comigo. Quando parei de fazer isso, ela se tornou mais aberta em relação a seus sentimentos. Na maioria das vezes, as pessoas não necessitam de conselhos, mas simplesmente de alguém que as ouça e as aceite como são. "Todo homem seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar." (Tiago 1:19.)

O pior momento para uma pessoa ouvir é quando está sendo atacada. Se isso acontece, colocamo-nos na defensiva e somos tentados a revidar, ao invés de descobrir o motivo da raiva do outro. Uma significativa prova de altruísmo é ouvir com nosso coração os sentimentos e necessidades do nosso cônjuge. Fazendo-o, sentiremos maior inclinação para dar atenção e apoio.

Ouvir sem egoísmo, contudo, pode ser doloroso. Talvez você seja a pessoa que precisa mudar. Poderá descobrir coisas a respeito de si mesmo/a que não são agradáveis. Minha mulher certa vez explicou-me: "Quando discordamos em alguma coisa, você termina me fazendo sentir

Quem gosta de estar perto de uma p mesma, que nunca leva em consider sempre tem que estar certa?

estúpida." Isso me doeu. Meu primeiro impulso foi mostrar-lhe que ela estava errada, mas então percebi que estava prestes a repetir aquilo de que me acusava. Abafei minha mágoa e ouvi atentamente. Aqueles momentos foram decisivos em nosso relacionamento. O Senhor

prometeu que, se agirmos com "benignidade e conhecimento puro", nossas almas serão grandemente ampliadas. (Ver D&C 121:42.)

Em momentos de necessidade, precisamos olhar além das queixas irritadas, procurando a ansiedade que as estão causando, e precisamos ouvir a frustração que geralmente se esconde por trás das críticas. Sem isto, não podemos entender, nem solucionar o problema em questão.

Esconder-se do Problema

Uma das formas mais

a que se preocupa apenas consigo as necessidades dos outros, e que

destrutivas de egoísmo é esconder-se dos sentimentos do outro. Escondemo-nos de várias maneiras: atrás de um jornal, atrás de nossa vida profissional, ou até atrás das responsabilidades na Igreja. Também nos escondemos atrás de palavras, conversando sobre tudo o que não seja o problema real entre nós. Descobri que, quando me esqueço de minhas próprias preocupações e permito que minha mulher me conduza ao seu mundo de alegrias e tristezas, experimento alguns dos melhores momentos de minha vida. Através dessas experiências aprendi que o amor "...não busca os seus interesses... mas folga com a verdade". (I Coríntios 13:5-6.)

E no caso de nos encontrarmos emocionalmente exaustos ao tentarmos atender às necessidades do outro? Lembrem-se de três coisas: (1) as necessidades da outra pessoa, (2) suas próprias limitações no momento, (3) suas necessidades.

Por exemplo, assim que voltei de um acampamento de escoteiros que durou quatro dias, recentemente, minha mulher me disse que precisávamos conversar. Eu estava totalmente exausto, e não conseguia concentrar-me em nada. Poderia ter tentado escutá-la até cair no sono. Poderia ter reclamado de sua falta de sensibilidade em relação à minha necessidade de dormir. Contudo, decidi dizer-lhe que apreciava sua vontade de compartilhar comigo suas experiências, mas estava tão cansado, que sabia que seria um mau ouvinte. Marcamos uma hora específica no dia seguinte para conversar, e foi o que fizemos.

Às Vezes Podemos Dizer Não

Às vezes, quando os outros solicitam nossa ajuda, estamos num ponto em que realmente não podemos aceitar nenhum fardo adicional. Em tais casos, há uma justificativa para dizermos não. A atitude mais bondosa é reconhecer a necessidade da outra pessoa, expor nossas limitações no momento e, bondosamente, dizer não. Embora geralmente nos sintamos pouco à vontade quando não podemos dizer sim a cada pequeno pedido que nos fazem, é melhor entendermos que não temos condições de ajudar todo mundo, o tempo todo. O que precisamos compreender é que, quando dizemos *não* a uma coisa, estamos dizendo *sim* a algo possivelmente muito mais importante. O Rei Benjamim aconselhou:

"Quisera que désseis de vossos bens... aliviando seu sofrimento, tanto espiritual como corporal, conforme suas necessidades.

E vede que estas coisas sejam feitas com sabedoria e ordem; *porque não se exige que o homem corra mais do que suas forças o permitam.*" (Mosiah 4:26-27; grifo nosso.)

Numa sociedade que dá tanta ênfase à satisfação própria, muita gente está abandonando a família por algum tipo de "auto-realização", seja em sua carreira ou através de um relacionamento novo e "mais significativo". Há casos em que a pessoa precisa, com orientação espiritual, terminar um relacionamento destrutivo. Mas, muito freqüentemente, o egoísmo domina, e a pessoa deixa para trás a maior oportunidade de crescimento e auto-realização eterna da vida: casamento e família. Não existe na vida melhor mestre de abnegação que a família. E somente por meio do amor e da compreensão, pode-se alcançar a auto-realização máxima. □

Steve F. Gilliland, conselheiro matrimonial, serve como Chefe de Escoteiros em sua ala de Long Beach, Califórnia, e é diretor do Instituto de Religião anexo à Universidade Estadual de Long Beach.

O INDEFINÍVEL EQUILÍBRIO

Bispo Glenn L. Pace Segundo Conselheiro no Bispado Presidente

Ilustração de Jerry Harston

A pessoa que honestamente busca a verdade, precisa aprender a encontrar o indefinível equilíbrio entre sua dependência do intelecto e sua dependência dos influxos do Espírito.

Como podemos evitar uma dependência exagerada de nossos poderes intelectuais, ignorando o Espírito, ou esperar soluções espirituais, quando ignoramos nosso próprio poder de resolver as coisas?

Provavelmente vocês conhecem as instruções do Senhor a Oliver Cowdery, quando este fracassou em sua tentativa de traduzir o Livro de Mórmon.

"Eis que não compreendeste; tu supuseste que eu to daria, quando não fizeste outra coisa senão pedir.

Mas, eis que eu te digo, deves ponderar em tua mente; depois me deves perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir, assim, que é certo.

Mas, se não for correto, não sentirás isso, mas terá um estupor de pensamento." (D&C 9:7-9.)

De acordo com o Élder Bruce R. McConkie, isto significa que devemos "fazer tudo ao nosso alcance para atingirmos a meta que nos propusemos. Usamos o livre-arbítrio com que fomos investidos. Usamos todas as faculdades, capacidade e aptidões que possuímos para conseguir chegar ao ponto desejado... Existe um equilíbrio entre o livre-arbítrio e a inspiração." ("Agency or Inspiration — Which?", discurso proferido na Universidade Brigham Young, a 27 de fevereiro de 1973.)

O Presidente Marion G. Romney conta como conseguiu esse equilíbrio:

"Quando me confronto com um problema, peso fervorosamente em minha mente soluções alternativas, e chego a uma conclusão sobre qual delas é a melhor. Depois, em oração, submeto ao Senhor meu problema, falo-lhe do meu desejo de efetuar a escolha correta, que é, na minha opinião, o caminho certo. Depois, peço-lhe que, caso tenha tomado a decisão certa, faça arder o meu peito, como prometeu a Oliver Cowdery...

Quando aprendemos a distiguir a inspiração que vem do Espírito do Senhor, daquela que vem de nossas próprias esperanças e desejos não inspirados, não precisamos mais errar." (*New Era*, outubro de 1975, p. 35; citado em "Preparai o Caminho do Senhor", Guia de Estudo Pessoal do Sacerdócio de Melquisedeque para 1979-1980, p. 24.)

Como determinar quando nossos esforços já foram suficientes, e, portanto, temos direito à confirmação espiritual? Como podemos aprender a reconhecer o fato de que recebemos uma confirmação espiritual? Tentarei definir o indefinível equilíbrio entre a atuação intelectual e a atuação espiritual, dando exemplos dos dois extremos.

Dois Extremos

De um lado, temos a pessoa que não vê muita necessidade de recorrer ao Senhor. Essa pessoa poderá ser um erudito. Ela deseja ser independente e ter liberdade de pensamento, não se predendo a verdades absolutas. Pode passar a vida tentando resolver problemas intelectuais. Não leva a sério os conselhos das Autoridades Gerais ou locais da Igreja.

Do outro lado, temos uma ameaça igualmente perigosa, e talvez até maior para a maioria de nós. A pessoa que está nesse extremo pensa assim: "Sei que a Igreja é verdadeira, e recebi o dom do Espírito Santo. Sou um membro digno e, portanto, tenho acesso ao Espírito." Quando confrontada com um problema, ela ora por uma resposta e depois considera como inspiração a primeira idéia que lhe vem à mente. Muitas vezes, a idéia ou solução que surge sem um raciocínio adequado, não vale mais que um palpite. Há casos de inspiração instantânea, mas são raros e, geralmente, envolvem uma emergência. Algumas decisões muito erradas têm sido tomadas por pessoas que se "sentem muito bem" a respeito de uma coisa sobre a qual não raciocinaram e que não demonstra o menor bom senso.

O Mesmo Conselho

Tendo em mente esses dois extremos, gostaria agora de dar alguns exemplos que talvez nos ajudem a atingir o equilíbrio adequado entre as faculdades espirituais e intelectuais. Há mais ou menos sete anos, eu estava trabalhando como novo diretor-gerente do Departamento de Serviços de Bem-estar da Igreja. Encontrávamo-nos num ponto crítico da história do bem-estar. Era hora de fazer uma dolorosa reavaliação do programa, diante das condições mundiais correntes. Eu estava muito preocupado.

Após orar por uma solução, tive uma idéia fantástica. Decidi pedir uma reunião com algumas Autoridades Gerais. Quando me reuni com eles, expus-lhes minhas preocupações e acrescentei que sentia necessidade de novas revelações sobre o assunto, naquele ponto. Então sentei-me com meu caderninho de notas, esperando suas inspiradas respostas.

Nenhum deles me deu respostas. Em lugar de soluções, ouvi de todos o mesmo conselho: "Irmão Pace, você está absolutamente certo, precisamos de revelações. *Agora, vá obtê-las!*" Precisei estudar, pesquisar e meditar, a fim de formular algumas recomendações para apresentar a esses irmãos.

Um Caminho Mais Amplo para a Verdade

Embora estudo e reflexão sejam essenciais para discernirmos a vontade do Senhor em relação a nós, existe um caminho mais amplo para a verdade, maior que o intelecto e mais seguro que

os cinco sentidos. O mais glorioso de todos os caminhos para a verdade é a revelação direta dos céus.

Um testemunho salvador do Livro de Mórmon jamais virá de uma espetacular descoberta histórica ou arqueológica. Se o Senhor desejasse que nosso testemunho fosse baseado em evidências físicas e históricas, e não nas escrituras, ele enviaria Morôni com as placas de ouro.

Quando estava na missão, a pergunta que mais temia era: "Onde estão as placas de ouro hoje?" Não apreciava os olhares das pessoas, quando respondíamos que o anjo as levara de volta. Não compreendia, então, o que sei hoje. Mesmo que os especialistas pudessem segurar, pesar e pôr as placas à prova, suas opiniões ainda não combinariam. Mesmo que meu companheiro e eu pudéssemos levar Morôni conosco, de porta em porta, o número de nossos conversos não teria aumentado. Sem a confirmação do Espírito, as pessoas não acreditariam em Morôni mais do que acreditariam em nós.

Lembram-se do que o Senhor disse a Joseph, com respeito ao desejo de Martin Harris de ver as placas? "Eis que, se eles não crerem nas minhas palavras, não creriam em ti, meu servo Joseph, ainda que te fosse possível mostrar-lhes todas as coisas que te confiei." (D&C 5:7.)

Não existe outra maneira de obtermos um testemunho, a não ser pela promessa de Morôni. Vocês não podem valer-se de qualquer outra coisa. As manifestações espirituais geralmente são reservadas às pessoas amadurecidas espiritualmente, não tanto para provar sua fé como para assegurar que as manifestações sagradas não sejam escarnecidas.

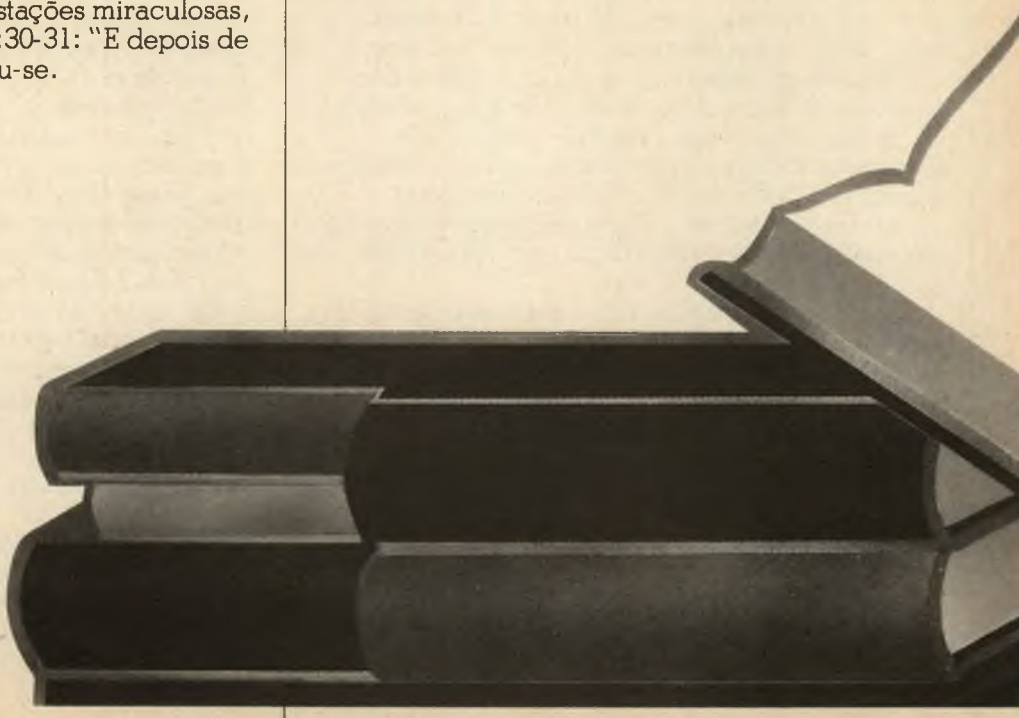
A conversão não é o fruto de manifestações físicas dos céus. Lamã e Lemuel foram testemunhas de muitas manifestações miraculosas, como a registrada em 1 Néfi 3:30-31: "E depois de nos haver falado, o anjo retirou-se.

E, tendo o anjo partido, Lamã e Lemuel puseram-se a murmurar de novo, dizendo: Como é possível que o Senhor entregue Labão em nossas mãos? Ele é um homem poderoso, e pode comandar a cinqüenta, sim, podendo mesmo matar a cinqüenta: por que não a nós?"

Néfi não podia acreditar, e disse: "Sabeis também que o anjo vos falou; como, pois, podeis duvidar?" (1 Néfi 4:3.) Aqui temos um exemplo de conhecimento sem valor eterno, porque o Espírito estava ausente.

Néfi definiu o problema de Lamã e Lemuel em 1 Néfi 17:45: "Sois rápidos em cometer iniqüidades, porém vagarosos em lembrar-vos do Senhor vosso Deus. Haveis visto um anjo, que vos falou: sim, haveis ouvido sua voz de quando em quando; e ele vos falou numa voz mansa e delicada, porém havíeis perdido a sensibilidade."

Embora estudo e reflexão sejam essenciais para discernirmos a vontade do Senhor em relação a nós, existe um caminho mais amplo para a verdade, maior que o intelecto e mais seguro que os cinco sentidos — a revelação direta dos céus.



Sejam Pacientes em Relação a Insucessos Espirituais

Se não aprendermos a reconhecer o testemunho do Espírito, Satanás poderá confundir-nos totalmente com suas próprias demonstrações. Como, pois, podemos adquirir a capacidade de reconhecer um testemunho do Espírito?

Primeiro, eliminem a sensação de culpa, quando suas expectativas espirituais não se realizarem. Já lhes aconteceu de terem certeza de que receberam um testemunho espiritual, só para que acontecimentos posteriores provassem que estavam errados? Já ignoraram o que mais tarde descobriram ser um genuíno testemunho espiritual? Temos mais paciência com nossos fracassos aprendendo a nadar, do que aprendendo a reconhecer o Espírito. Quando engolimos um pouco d'água em nossas primeiras braçadas, rimos e tentamos novamente. Quando não reconhecemos o Espírito, sentimo-nos culpados e relutantes em prosseguir. Os fracassos espirituais são naturais. Não tem importância. Continuem tentando.

Todos nós sabemos que são precisos anos de prática para se tornar um atleta profissional. Contudo, esperamos ter sucesso do dia para a noite, nas coisas do espírito.

Joseph Smith disse: "Podeis beneficiar-vos, ao perceber o primeiro embate do Espírito de revelação; por exemplo, quando sentis que a inteligência pura flui para vós, podereis, repentinamente, ser despertados por uma corrente de idéias, de modo que, percebendo-o, vereis que se cumprem no mesmo dia ou pouco depois; (isto é) verificareis as coisas que o Espírito de Deus revelou à vossa mente; e assim, por conhecer e compreender o Espírito de Deus, podereis crescer no princípio da revelação, até que chegueis a ser perfeitos em Cristo Jesus." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 147.)

Atentem para o que ele disse: "Podereis crescer no princípio da revelação." A fim de tornar-se um bom jogador de basquete, a pessoa treina o arremesso na cesta inúmeras vezes. Repetindo os lances positivos e modificando os negativos, o jogador adquire a capacidade excepcional de saber, assim que a bola sai de suas mãos, se entrará ou não na cesta.

Em questões espirituais, precisamos aprender exatamente quando recebemos um testemunho do Espírito e quando nos é lançada uma imitação, seja por Satanás, seja por nossas próprias ambições e desejos. Quantos de vocês, rapazes, já disseram à namorada: "Recebi a confirmação espiritual de que você deve ser minha esposa?" Em alguns casos, gostaria de sugerir que essa confirmação é mais um desejo do que uma manifestação espiritual. Se receberam tal confirmação, ponham-na à prova. Peçam-na em casamento. Se ela disser sim, estavam certos; se disser não, estavam errados. Mas guardem seu testemunho espiritual para si mesmos. A moça é perfeitamente capaz de receber sua própria revelação.

Como é uma confirmação espiritual? É uma sensação semelhante à que temos, quando lemos o Livro de Mórmon ou conversamos de coisas celestiais com nossos pais ou verdadeiros amigos. Aprendam a reconhecê-la e segui-la.

Se fosse possível, eu lhes daria uma fórmula de sucesso instantâneo e certo. Como as circunstâncias mudam a cada dia, o sucesso permanente é muito difícil de obter. Podemos estar mais em sintonia num dia que no outro. Podemos estar mais vulneráveis, emocionalmente, num dia que no outro. Contudo, em meio a todas as variáveis, existe uma constante. O Espírito testifica somente a verdade.

Se seu índice de sucesso em reconhecer o Espírito estiver baixo, perguntem a si mesmos:

1. Estou vivendo os mandamentos?
2. Estou estudando as escrituras, a fim de ficar mais sintonizado com as coisa espirituais?
3. Tenho orado sinceramente?
4. Já fiz tudo o que estava ao meu alcance, e me dirigi ao Senhor com uma solução bem ponderada?
5. Sei como reconhecer um estupor de pensamento?
6. Posso dizer, honestamente, "seja feita a tua vontade", e estou disposto a aceitar um "não" como resposta?

Não deixem de investir tempo para aprender coisas do Espírito. Não estou falando de aulas de religião, embora eu as aprove entusiasticamente. Estou falando de como reconhecer e obter revelação. É um curso que dura toda a vida, mas não se precisa esperar a formatura para receber os benefícios. As recompensas são imediatas, quando começam a conseguir aquele indefinível equilíbrio entre a busca intelectual e as induções do Espírito. □

A CONSTRUÇÃO DE UMA CASA AJUDOU NA EDIFICAÇÃO DE TESTEMUNHOS

Seja para onde for que você viajar no mundo, encontrará amigos ajudando amigos, vizinhos ajudando vizinhos. Às vezes, o auxílio oferecido será num nível muito simples e muito pessoal, enquanto outras poderá ser em grandes projetos, como ajudar na colheita ou até na construção de uma casa.

Bem, cento e oitenta jovens da Estaca Redmond Washington decidiram oferecer sua ajuda num grande projeto: construir a estrutura básica da casa de uma família SUD, e um celeiro para uma família que não era da Igreja. Ambas as famílias pagaram o custo da construção ou forneceram os materiais necessários. Por exemplo, a família SUD, do Irmão Warren e Irmã Jaydene Dazey e seus seis filhos, haviam usado serras portáteis para cortar madeira a ser usada na sua casa.

Fotografia de Brian K. Kelly

O projeto foi planejado como uma conferência de jovens e estes foram divididos em duas equipes bem supervisionadas, de modo que tanto a casa quanto o celeiro fossem construídos ao mesmo tempo. Havia muitos detalhes e uma porção de desafios a enfrentar, antes da realização da conferência; por exemplo, os alicerces de concreto para as duas construções foram feitos antecipadamente, mas os resultados valeram o esforço. Além da boa vontade e das amizades nascidas resultantes do projeto, os jovens tiveram oportunidade de sentir a alegria e satisfação de servir. A construção da casa e do celeiro ajudaram a edificar testemunhos, que foram compartilhados numa reunião sacramental especial, realizada no domingo após três dias de trabalho árduo.

As fotografias destas páginas contam a história, e o artigo que as acompanha dá uma idéia do planejamento da conferência. □

PLANEJAMENTO DO PROJETO DE CONSTRUÇÃO

Por que o projeto dessa conferência de jovens teve sucesso? Por que os jovens disseram: "Vamos fazer a mesma coisa no ano que vem!"? Eis algumas diretrizes que poderão ser úteis no planejamento de uma atividade especial de jovens.

1. Decida qual a atividade em espírito de oração.

Após três dias de trabalho árduo, uma reunião sacramental especial foi realizada dentro da casa que haviam construído, onde os jovens construtores compartilharam o testemunho que haviam fortalecido com essa experiência.

Uma conselheira da presidência das Moças da estaca recebeu a designação de procurar idéias para a conferência dos jovens, em espírito de oração. Examinando atividades passadas, percebeu que a estaca sempre procurava divertir os jovens, ao invés de envolvê-los numa atividade significativa, que edificasse testemunhos. Sua recomendação de um projeto de serviço foi aprovada pela liderança da estaca, e começou a busca de uma atividade adequada.

2. Selecione especialistas, em espírito de oração.

Uma vez decidido o projeto, a estaca procurou o auxílio técnico necessário para planejar e fiscalizar a construção. O casal Tanner, novo na estaca, tinha conhecimento e experiência em construção, vitais para o projeto. Por exemplo, cinco dias antes da data marcada para o início da construção, descobriu-se que a planta da casa não estava de acordo com as especificações da prefeitura. O Irmão Tanner e outro construtor trabalharam várias horas para redesenhar as plantas. Depois o fornecedor da armação do telhado disse que não poderia montá-la e entregá-la até três dias *após* a conferência dos jovens. O Irmão Tanner sabia como negociar com o fornecedor para conseguir que o madeiramento estivesse lá na data marcada.

3. Decida quem vocês vão ajudar, em espírito de oração.

O Sr. e Sra. Ward Roney, muito conhecidos na comunidade como membros ativos da Igreja Católica, poderiam ter rejeitado a oferta de ajuda dos santos dos últimos dias. Entretanto, a família Roney e o Irmão e Irmã Dazey, com seus filhos, haviam sido cuidadosamente escolhidos, em espírito de oração. Quando um sumo conselheiro da estaca procurou o Sr. Roney, propondo-lhe construir um celeiro em substituição ao destruído por uma tempestade, ele ficou encantado. Em virtude do trabalho dos jovens da estaca, o casal Roney permitiu que sua filha participasse do acampamento das moças da estaca, convidou a estaca para realizar atividades em sua fazenda, e iniciou um fundo para bolsas de estudos para os jovens da estaca.

4. Se o evento é digno de nota, convide os jornais e a televisão.

Quando a televisão e os jornais foram informados dos dois projetos, ambos resolveram enviar um repórter durante alguns minutos. Embora relutantes a princípio, os repórteres ficaram tão impressionados com os jovens e com seu trabalho, que permaneceram no local durante três horas. Notícias e comentários favoráveis apareceram em jornais e na televisão local.

5. Faça publicidade e recrute.

Levou tempo para alguns jovens da estaca se acostumarem à idéia de uma conferência baseada em serviço. A liderança dos jovens realizou um serão para explicar o projeto e incentivar a participação. Um menino, Todd, que a princípio não queria participar do projeto, surpreendeu a todos, mais tarde, pelo seu entusiasmo. Os construtores mostraram-lhe o que precisava ser feito e ele trabalhou como um profissional. Todd também ficou amigo de outro menino, meio solitário, trabalhando com ele e mostrando-lhe como usar as ferramentas. Os dois meninos não apenas ficaram muito amigos, mas também se aproximaram dos adultos.

6. Realize reuniões de planejamento freqüentes.

O comitê de planejamento do projeto reuniu-se a cada quinze dias, durante os três meses que antecederam a conferência. As reuniões eram necessárias para verificar se todas as providências estavam sendo tomadas e se os preparativos seguiam de acordo com o plano.

7. Planeje atividades divertidas para as noites.

Embora os jovens trabalhassem arduamente durante o dia, ainda lhes sobrava energia para atividades à noite, como dançar, cantar ao redor da fogueira, e até participar de uma competição para ver quem conseguia subir num pau-de-sebo. Após a atividade recreativa da noite, os jovens iam para casa, retornando no dia seguinte, prontos para continuar o trabalho. □

Nota do Editor: Se vocês realizaram uma atividade ou conferência de jovens particularmente bem sucedida, escreva-nos contando. Gostaríamos de receber um relato logo após o evento, com muitas fotografias ou transparências. É preciso informar a ala/ramo, estaca/distrito em questão, mais o nome e posição na Igreja das pessoas que citar. Inclua também seu próprio nome, endereço e número de telefone. Envie seu artigo e fotografias para: Youth Project, (Projeto dos Jovens) *A Liahona* — Av. Prof. Francisco Morato, 2430, CEP 05512 — São Paulo — SP, ou Caixa Postal 26023, CEP 05599 — São Paulo — SP.

PORTUGAL